

Quarta-feira, 11 de Junho de 1975

# alavanca

26

UNIDADE NA ACÇÃO — A FORÇA DOS TRABALHADORES

Preço 3\$50



## TRANSPORTES PÚBLICOS NACIONALIZADOS NOSSOS

457

CIGTP - IN CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO
51376
Nº
1 1

CORTICEIROS DO ALCARVE — Pág. 8

## REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Av. Duque de Loulé, 83-3-º

Telefs. 5 99 93, 4 57 12 — LISBOA-1

## DELEGACAO DO NORTE

## UNIAO DOS SINDICATOS DO PORTO

Rua de Santa Catarina, 822-1-º

Telefs. 30702/59 PORTO

## Distribuição para postos de venda

no publico:

Distribuidora — O SÉCULO.

## COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

Empresa do Jornal do Comércio,

S. A. R. L.

## RADIO

A VOZ DA INTERSINDICAL TODOS OS DIAS DAS ZERO AS DUAS DA MADRUGADA ATRAVÉS DAS ONDAS MÉDIAS DO RADIO CLUBE PORTUGUÊS (A EMISSORA DA LIBERDADE)

UM PROGRAMA DOS TRABALHADORES PARA TODOS OS TRABALHADORES

«Nuna interpretação maleável, posso afirmar que o MFA, ao provar o começo do processo de democratização em curso e ao apoiar as transformações profundas na sociedade portuguesa, fundamentalmente visava a alteração no ambiente do trabalho em Portugal e fazer do nosso país uma nação livre, procurando medidas capazes de criarem um ambiente de trabalho mais seguro, mais sã e mais satisfatório, adaptável às necessidades, às características e às possibilidades do País, tendo em conta as enormes dificuldades resultantes da pesadíssima herança, que, em todos os domínios, o fascismo nos deixou — afirmou o ministro português do Trabalho major Costa Martins, no seu discurso proferido na sessão inaugural da 60.ª Conferência da Organização Internacional de Trabalho (O.I.T.). Costa Martins que falava na qualidade de ministro assistente da conferência, acrescentou que o na qualidade de ministro assistente da conferência, acrescentou que o caminho escolhido pelo MFA não terá sido o mais fácil, mas foi, sem dúvida, o mais coerente com as verdadeiras realidades nacionais. Descolorizar, democratizar, desenvolver — foi lema da revolução.

O ministro salientou que a descolonização «terá sido o aspecto mais espectacular e para o qual sentimos a maior e mais fácil compreensão internacional». Saudando o povo da Guiné e de Moçambique, Costa Martins manifestou as vivas preocupações que a situação em Angola causa a Portugal.

Abordando depois a questão económica, o ministro declarou, a certa altura:

«A economia portuguesa, na forma como se encontrava estruturada, não se revelava capaz de suportar a massa salarial resultante dos aumentos verificados após o 25 de Abril de 1974, e para os quais se pode tomar o exemplo atrás referido. Fácil será concluir-se da necessidade absoluta de uma total reestruturação da vida económica portuguesa. Essa reestruturação terá de fazer-se em moldes radicais e progressivos, assumindo especial relevo aquilo a que chamamos a «batalha da produção».

Referindo-se às nacionalizações, declarou o ministro:

«As nacionalizações que se fizeram visam criar as condições, no âmbito de uma política global, para a realização dessas finalidades e objectivos da Administração Pública portuguesa que são os que, na Conferência do ano passado, já claramente foram expostos. Para a consecução progressiva e renovada dessas objectivos e finalidades, contamos com a activa participação dos trabalhadores, com a iniciativa privada, com os «trabalhadores independentes», com todos aqueles que, connosco, queiram colaborar lealmente.»

Finalmente, o ministro referiu o problema da unidade, afirmando:

«O nosso lema da unidade não é imposto de cima. É sentido por todo o povo português e tem a participação activa dos trabalhadores na escolha das formas de o concretizar. Com muita alegria verifico que no mundo da vida social, se desenharam perspectivas de actividade coordenada e unitária. Sinais de tal unidade e de esforços nesse sentido, temenos chegado e com eles me congratulo, lamentando ilosamente que tais sinais e êxito dos esforços tenha as suas raízes na solidariedade, face à situação da crise grave que assola parte do Mundo.»

Como informámos no nosso último número, a 60.ª sessão da Conferência da O.I.T. prosseguirá até ao dia 25, destinando-se a abordar uma série de temas da maior importância. No relatório apresentado pelo director da Organização, salientou-se a neces-

dade de dinamizar a acção da O.I.T., com vista à sua contribuição para a melhoria da qualidade e do seu ambiente. Os problemas internos da Organização irão ocupar os conferencistas, que também se debrucharão sobre as organizações dos trabalhadores rurais, os trabalhadores menos humanos, a orientação e o formação profissional e a educação e o tratamento para todos os trabalhadores. Será ainda estudado um relatório elaborado por um grupo de Estado para alterar a estrutura da O.I.T., cada vez mais contestada, devido à posição de inferioridade que nela ocupam os trabalhadores.

**QUE É A O.I.T.**

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO — Principiada a sua existência em 1919 como instituição autónoma, associada à Sociedade das Nações, tinha por objectivo procurar melhorar as condições de trabalho, aumentar os níveis de vida e fomentar a estabilidade económica e social. Em 1946, as Nações Unidas admitiram a responsabilidade da Organização nesses campos, e transformaram-na numa das suas agências especializadas. A sua estrutura tripartita, representativa de governos, patrões e trabalhadores é única. Interessa-se especialmente pela regulamentação das horas de trabalho; regulamentação do fornecimento de trabalho e prevenção de desemprego; obtenção dum salário mínimo adequado; protecção do trabalhador contra doença e ferimentos resultantes do seu emprego; protecção de crianças, jovens e mulheres; garantias de subsistência na velhice e na incapacidade; protecção dos interesses dos trabalhadores, quando empregados em países de trabalho igual e de liberdade de associação e organização, e de instrução profissional e técnica. A orientação é traçada na Conferência Internacional do Trabalho, realizada anualmente em que cada país é representado por dois delegados governamentais, um patrão e um trabalhador. Um corpo governativo, constituído por 24 delegados governamentais, 12 patrões e 12 empregados, nomeia o director-geral, e fiscaliza o funcionamento do Gabinete Internacional de Trabalho (G.I.T., secretariado permanente da O.I.T.) na sede da Organização, em Genebra.

Dada a sua importância industrial, 10 países — Canadá, China, E.U.A., França, Índia, Itália, Japão, Reino Unido, R.F.A. e U.R.S.S. — têm assento no corpo governativo. Cada um dos três grupos representados na Conferência elege os seus próprios representantes para os restantes 38 lugares do Corpo Governativo.

(Segundo o Dicionário de Política, de Florence Ellist, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1972.)



## BOLETIM DE ASSINATURA

Modalidade de assinatura:

 6 meses (85500) 12 meses (185900)

(Riscar o que não interessa)

Nome .....

Morada .....

Profissão .....

Local de cobrança .....

O pagamento pode ser feito em cheque ou vale postal dirigido a «ALAVANCA».

# OS TRABALHADORES CIENTÍFICOS SÃO ESSENCIAIS À REVOLUÇÃO

No período revolucionário que hoje vivemos em Portugal o lugar do trabalhador científico é todo o quanto urgente para resolução. Tudo o que existe e tudo quanto era feito graças da observação ver. Nas fábricas e nos campos. Processos de fabrico, materiais, organização do trabalho deverão ser revistos na procura de soluções novas que aproximem o homem e a máquina em verdadeiro trabalho criador. Os trabalhadores científicos, pelo conhecimento técnico e pela formação crítica que possuem, têm um papel fundamental a desempenhar nesta missão. É nos meios rurais, e não nos meios urbanos, que se encontram exemplos inspiradores de ciência empírica, e aproveitar estes para o aproveitamento de trabalho científico mais próximo da nossa realidade, necessidades e riquezas. E, em sentido inverso, é o privado em que se vivem as populações e as deficiências técnicas da sua actividade produtiva. Teremos, assim, o estudo da aptidão dos solos e dos processos para sua correção e enriquecimento, tanto quanto possível com recurso a técnicas e produtos locais.

A seleção de culturas, com vista à elevação da produtividade e satisfação de algumas carencias locais mais imediatas. Ocorre referir o cultivo de variedades de crescimento acelerado ( sorgo, milho, beterraba açucareira, etc.) que melhoram o abastecimento em materiais lenhosos, colúlosos e açúcares. Haverá que proceder a obras de saneamento e para tal, seria vantajoso que a purificação das águas fosse feita mediante processos expeditos e económicos. Por exemplo, com o recurso a floas, síndusas (lunais, por exemplo) ou por filtração através de materiais rochosos apropriados para a obtenção de águas potáveis. A piscicultura poderia ser desenvolvida para maior aproveitamento das águas interiores e das albufeiras em particular. Canais de drenagem e tanques de deposição de esgotos são meios favoráveis à cultura de algas de elevado conteúdo proteico que, por sua vez, poderão ser aproveitadas na alimentação

de gado. O estudo de mecanismos de fermentação de valor económico, como sejam os que intervêm no fabrico do queijo, na conservação do peixe, etc. E complementarmente, a correção de técnicas de fabrico e de conservação de alimentos, assim como inovações com incidência económica ou de interesse sanitário.

## ABASTECIMENTO DE ENERGIA

A satisfação rápida e económica das carências em abastecimento de energia pelo recurso, onde necessário, a fontes não convencionais de energia, o fornecimento de electricidade a pequenas comunidades rurais dispersas poderia ser assegurado por meio de aerogénios sem necessidade do alargamento dispendioso da rede de distribuição eléctrica. Outra solução seria o recurso a pequenas centrais térmicas a serem abastecidas por subprodutos de explorações florestais e agrícolas.

No domínio da acção industrial, há que procurar processos que permitam a economia de forças-motriz e a valorização de matérias-primas nacionais. Há que adaptar novas tecnologias às indústrias tradicionais para aumento da sua produtividade e que por tecnologias já adquiridas ao serviço de novas aplicações de valor económico para arranjar rápido de novos empreendimentos. É urgentemente na hora actual, ter-se-á que estudar e decidir depressa soluções que visem a reconversão de indústrias obsoletas, falidas ou abandonadas. E o caso da reconversão de indústrias electrónicas, em que há enteadadas a grupos multinacionais, para a produção de energia de interesse directo para o País, seja quer benéfico do ponto de vista económico, quer de equipamento industrial que incrementam a produção. Teremos que concentrar esforços na valorização dos recursos minerais nacionais, assim como as pirites do Alentejo, os silícios de Monchique e o ferro de Monção, no sentido de transformá-los em produtos finais elaborados. Haverá, pois, lugar ao fomento de explorações mineiras, metalúrgicas extractivas e químicas transformadoras.

Também o reino vegetal é uma valiosa fonte de matérias-primas muito diferenciadas. Há aqui lugar ao fomento de indústrias químicas para o bom aproveitamento dessas matérias-primas, em especial no que respeita à nossa flora marítima e às nossas florestas. A poupança e redistribuição de energia tornam-se de primordial interesse económico em face do elevado custo dos produtos in-

dustriais. Para tal, há que analisar os esquemas de fabrico e que estudar a utilização de medidas, tais como a reutilização de matérias recuperadas, a recuperação de calor a baixa temperatura, a substituição de materiais ou de processos de fabrico, ou ainda a substituição da forma de energia utilizada ao nível de consumo. O lugar do trabalhador científico é onde há problemas urgentes do povo para resolver. É por isso que devemos achar prioritário que os trabalhadores científicos estudem dos gabinetes e laboratórios para se lançarem no trabalho de campo. E nas fábricas nas explorações agrícolas que se travam os combates decisivos da nossa economia, é lá que são necessários, de momento, no levantamento de problemas e na procura da sua resolução. A produção do produto que se trava face, por um lado, o incremento da produtividade por outro, a diversificação de produtos.

Em qualquer destas frentes de luta cabe um papel fundamental a inovação tecnológica. Os trabalhadores estão sujeitos a essa necessidade e com a experiência dessa luta, aprenderão a decidir, cada vez melhor, em termos de inovação tecnológica ou, por outras palavras, em termos de crescente incorporação da ciência e da técnica no seu trabalho. Os trabalhadores das fábricas e dos campos, através das suas comissões e sindicatos, saberão chamar a si os trabalhadores científicos para, em conjunto, enfrentarem a batalha comum que é a batalha da produção.

RUI NAMORADO ROSA

OS MONOPÓLIOS DOSSE DOS SEUS PRIVILÉGIOS CONSPIRAM PARA A TODO O LUSTO LIQUORAR EM 25 DE ABRIL.



O CONSELHO DA REVOLUÇÃO TOMA MEDIDAS QUE CONSOLIDAM A VITÓRIA DO Povo NA MUITO, ERAM PRECORIZADAS PELOS TRABALHADORES...

**RENOVELAR O GOVERNO COM O CONSELHO DA REVOLUÇÃO**

**DEPOSITOS POSTOS NO SERVIÇO DA ECONOMIA PORTUGUESA**

**PROVETE SEUS INTERESSES**

**A NACIONALIZAÇÃO DOS SEGUNDOS**

...AVALIAÇÃO COMPLETA DO SEU PATRIMÓNIO... E RECONHECIMENTO DO SEU VALOR...

EM 11 DE MARÇO NÃO HESITARAM MESMO EM FENTAR BANANA O PAÍS EM SANGUE



...QUE SE ORGANIZAM NO SENTIDO DE COLOCAR EFECTIVAMENTE O PODER ECONOMICO AO SERVIÇO DA REVOLUÇÃO SOB O CONTROLE DO ESTADO DEMOCRATICO.

**SEMPRE A COMISSÃO DE VIGILANCIA E CONTROLE**

**A EMPRESA TEM DE SE SUBORDINAR AOS INTERESSES DO PAÍS**

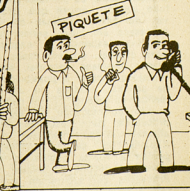
MAS, DE NOVO O POVO NA RUIM COM O MFA CORTOU O PASSO À REACÇÃO. ESTA VITÓRIA FORTELECEU AS FORÇAS PROGRESSISTAS.



CONTRA OS MONOPÓLIOS E OS LATIFUNDIOS PELO AVANÇO DA DEMOCRACIA!

**VENCEREMOS!**

OS SINDICATOS E OS TRABALHADORES COM A SUA INCENTIVA E VIGILANCIA DO UM EXEMPLO DE CORAGEM E COMBATIVIDADE



CONTRA OS MONOPÓLIOS E OS LATIFUNDIOS PELO AVANÇO DA DEMOCRACIA!

**VENCEREMOS!**



## Contração colectiva

### ● SINDICATOS DOS ESCRITÓRIOS

O Sindicato dos Profissionais de Escritório do Distrito de Lisboa, após o 25 de Abril e perante as novas condições abertas no âmbito sindical, decidiu, de harmonia — com os restantes sindicatos da profissão, que a política a seguir obedeceria às linhas gerais seguintes: a) Os processos a desencadear ou em fase de estudo seriam, sempre que possível, de âmbito vertical; b) Os processos em curso seriam terminados, reabrindo as negociações directas ou, em casos de grande afinidade sectorial, seria ventajoso encetar a possibilidade de solicitar adesões ou alargamentos de âmbito; c) Foi pedida a não homologação de alguns processos, cujos resultados não acatavam os interesses dos trabalhadores, sendo igualmente pedida a rápida publicação de outros há tempos pendentes; d) Processos em andamento voltaram à negociação directa. Estas informações constam dum comunicado do referido sindicato, publicado sob o título de «Relatório sobre a actividade da contração colectiva».

Os números que traduzem esta actividade até 31 de Dezembro são os seguintes: «Convenções publicadas, 19; horizontais 12, verticais 7; b) Convenções já negociadas e a aguardar publicação, 3 horizontais e 2, verticais 1; c) Portarias de alargamento de âmbito horizontais 1».

Estas actividades traduziram melhorias para 24.000 trabalhador-

res de escritório só no distrito de Lisboa. Também «a publicação, em 5 de Novembro, da POM reviu a situação de cerca de 23.000 trabalhadores de escritório, do distrito de Lisboa. É de acrescentar que — com os Contratos Colectivos publicados após a saída da POM, como por exemplo CCT das Carnes, Armazenistas de Laticínios, Armazenistas de Matérias, Material Electrónico e Armazenistas de Papel o número de trabalhadores abrangidos pela POM desceu para cerca de 14.000».

«Relativamente às convenções em estudo, a situação é a seguinte: horizontais 4; verticais 30; sendo igualmente de âmbito vertical as 3 convenções em negociação no final do ano. É também de salientar que «nas convenções verticais acima referidas, cerca de 30, são secretariadas pelo sindicato.»

«Relativamente aos processos e às diferentes fases que os mesmos atravessam, desde a constituição de Grupos de Trabalho que acompanham as negociações, às reuniões de informação dos sócios, realizaram-se diversas reuniões que se podem sintetizar do modo seguinte: reuniões de sócios, 32; reuniões dos grupos responsáveis pelas convenções, 108; reuniões intersindicais, 54; reuniões de negociação, 127.»

Nos processos em elaboração que se espera comecar a negociar no início de 1975, encontram-se: «Têxteis e lanifícios, hotelaria construção civil e metalúrgica que abrangerão cerca de 1 milhão e 200 mil trabalhadores.»

Por outro lado, nestas «convenções» há preocupação de direcção fazer a maior mobilização possível dos trabalhadores, quer através dos delegados sindicais, em reuniões de empresas, quer em plênrios dos sectores respectivos.»

### ● AGRICOLAS DE SANTARÉM

Os operários agrícolas de Santarém passaram a dispor, desde o dia 31 de Março do corrente, de um C. C. T. que lhes proporciona, para além das regalias já conseguidas por trabalhadores de outros sectores, tabelas salariais fixas. Deste modo ficou estabelecido uma garantia salarial de 2005 e 140500 diários respectivamente para homens e mulheres, nos concelhos de Salvaterra de Magos, Alparça, Chamusca, Benavente, Coruche, Alentejo, Gataixó, Golegã, e nas freguesias de Vale de Figueira — Alcancôes, São Vicente do Paul, Pombalinho, Santa Inês e Vale de Santarém, e de 170500 (homens) e 120500 (mulheres) nos restantes concelhos e freguesias.

Este C. C. T. iniciado desde fins de Novembro foi finalmente assinado — apesar dos boatos lançados pelo patronato e até por alguns trabalhadores no sentido de provocar a confusão no seio da classe tendo como objectivo sabotar todo o processo reivindicativo.

No entanto e apesar do C. C. T., se encontram já assinado «muitas dificuldades irão surgir, muitos países irão tentar fugir ao cumprimen-

to da convenção, muitas calúnias e deturpações da vitória alcançada serão postas a circular — pelo que é necessário — estar — e a combater todos aqueles que tentarem dividir-nos.»

### ● INDUSTRIAS DA MADEIRA

O Sindicato Livre dos Operários Marceneiros e Oficinas Correlativas dos Distritos do Porto e Aveiro avisa todos os trabalhadores das indústrias de madeiras que «no boletim n.º 19 de 22 de Maio acaba de ser publicada uma portaria de alargamento de âmbito às alterações do C. C. T., publicadas no suplemento do boletim n.º 4 em 23 de Janeiro e no boletim n.º 8 de 28 de Fevereiro de 1975 do Ministério do Trabalho, que torna extensivas estas alterações a todas as empresas que no continente exercam qualquer actividade em que empreguem profissionais das categorias nas mesmas previstas com excepção dos colchoeiros de colchões de palha».

No entanto para melhor esclarecimento informamo-nos do seu conteúdo.

### ● MOTORISTAS DE SETÚBAL

Os motoristas do distrito de Setúbal conseguiram a satisfação das suas reivindicações. Deste modo passam a dispor de novas regalias, entre as quais se contam: a proibição de despedimentos sem justa causa, proibição de represálias ou castigos sem motivo justificado e ainda a disposição de que nenhum despedimento poderá ser feito sem que o Sindicato seja avisado anteriormente.

Por outro lado foi também obtido um salário mensal de 6000800, com efeitos retroactivos a contar de 1 de Fevereiro, e a fixação de um mínimo de 70500 ou valor superior mediante factura, por cada rejeição, jante ou almoço.

O presente C.C.T. não poderá ser alterado até Setembro de 1975.

### BOLETINS SINDICAIS



### SINDICATO DOS METALÚRGICOS

No número de Março do Boletim do Sindicato dos Metalúrgicos do Porto dos vários artigos inseridos reputamos como bastan-

te importante o intitulado «A Nacionalização da Banca no Modo de Produção da Indústria» — que dá a conhecer a extensão não poderemos transcrever.

É ainda significativo assinalar o esboço da página 2 «nascimento da Ideia do Sindicato».

«Relativamente ao problema da «Solidariedade Sindical», lê-se naquele Boletim: «Atracoiáramos a nossa missão sindical se não estivessemos atentos a todas as injustiças da que são vítimas ou as nossas camaradas, se não denunciássemos todas as preferências, todas as provocações, todas as atentados contra os trabalhadores. Se a unidade entre os operários não é possível, lutemos — para devolver a luta contra o patronato reaccionário, a unidade com os camaradas camponeses, é do mesmo modo fundamental na luta contra o capital monopolista e latifundiário.»

«No sector camponês o elevado número de desempregados — que como consequência, criou dificuldades económicas nas algumas zonas — e chegou a ser crítico. Tal situação só desaparecerá com uma Reforma Agrária que entregue a terra a quem a trabalha. Mesmo assim, enquanto algum tempo as dificuldades económicas dos nossos camaradas irão manter-se sem que os sindicais possam fazer face e dado que as medidas governamentais são a médio e longo prazo, a luta sindical nunca foi em vão que apelámos para a solidariedade dos metalúrgicos, aqui lançamos o nosso grito de solidariedade.»

«Todos os fundos podem ser enviados pelos camaradas para o mesmo fim, sendo enviado o intermediário junto da Intersindical que lhe dará o desejado destino.»

### ● «GRITO DE LIBERDADE»

Dos vários artigos incluídos no número de Março do «Grito de Liberdade», órgão interno informativo e formativo dos trabalhadores da fábrica de Tapacarias de Anísio, destacamos alguns artigos que se referem à nacionalização da CUF e «A Nossa Cooperativa».

Relativamente ao primeiro diz-se: «O nosso objectivo — os nossos solidários com a decisão do plénrio dos trabalhadores da fábrica de Anísio, de propor a nacionalização total da empresa a curto prazo.» Mais à frente acrescenta: «Enquanto blocos monopolistas e não da economia de País, estamos à mercê do ciclo infernal dos aumentos de salários e do custo de vida.»

Do artigo «A Nossa Cooperativa» passamos a transcrever: «A Cooperativa é de todos os associados e não de grupos privilegiados — se os houvesse — que serão os beneficiados ou as vítimas das decisões que se tomam (..)» «Vamos seguir o exemplo desde punhado de trabalhadores que sabem que contra a oposição estão a trabalhar em tarefas que nada têm a ver com a sua profissão normal. Então a solidariedade e a consagração profissionais que se nós trabalhadores queremos alguma coisa temos que ir buscá-la.»

## TRABALHADORES DA CONSTRUÇÃO CIVIL

# COMISSÃO REVOLOUCIONÁRIA DE TRABALHADORES DE CONSTRUÇÃO CIVIL

Numa tentativa de solucionar a grave crise que actualmente atravessa o sector da construção civil, as Comissões de Trabalhadores de empresas daquele ramo, os sindicatos respectivos e a representação da Conferência Nacional Unitária de Trabalhadores decidiram realizar diversas reuniões para acordarem em conjunto, formas concretas de intervenção dos trabalhadores a fim de que seja vencida a situação de impasse em que o ramo se encontra.

Fazem parte das Comissões de Trabalhadores representantes das empresas de construção civil Joaquim Francisco Santos, J. Pimenta, Habitat, local, Grão-Pará, local e Construções Técnicas. Após diversas reuniões e analisadas várias questões, chegou-se à conclusão de que a actual crise reflecte a falta de um plano que, numa perspectiva revolucionária, ultrapasse a situação de quase total improdutividade no sector. Os trabalhadores concluíram ainda que as principais razões do impasse são concretamente a inoperância de uma pesada máquina burocrática, que se torna incapaz de responder rapidamente às situações que lhe são feitas, ausência de saneamento de elementos que continuam anichados, e alguns elementos nomeados, no aparelho de Estado, para sabotar, retardar e complicar todos os esforços que os trabalhadores vêm desenvolvendo e, por outro lado, um certo legalismo por parte de alguns ministros, secretários de Estado e funcionários superiores mais empenhados em contrariar a força revolucionária da política governamental, fechando-os nos gabinetes.

Pensam ainda as Comissões que para ultrapassarem esta situação falta fundamentalmente um plano geral que defina os objectivos a alcançar para a indústria de construção civil.

Aliás, certo desinteresse pelo trabalho e sentimentos de frustração por parte dos trabalhadores está já a ser aproveitado para manobras contra-revolucionárias das ex-administrações e de elementos divisionistas, procurando lançar o confusão e a desunião entre esses mesmos trabalhadores.

Entendem portanto os trabalhadores que é urgente a elaboração de um plano geral com objectivos definidos, o qual não poderá omitir uma nova política de solos, lei revolucionária que exproprie os bens pessoais de todos os proprietários das empresas, nos casos em que tal se justifique, atribuição de personalidade jurídica às Comissões de Trabalhadores, lei que atribua novo estatuto às empresas sob intervenção do Estado, desbrogando-as dos "canceros" do passado e ainda a criação e aceleração da Reforma Agrária, o que permitirá a ocupação de parte da mão-de-obra excessiva existente no sector, por via direc-

ta e por via indirecta, através do desenvolvimento das indústrias subsidiárias da agricultura.

Com base nas conclusões apontadas, as Comissões de Trabalhadores, Sindicatos respectivos e a representação da Conferência Nacional Unitária de Trabalhadores reclamam do Conselho Superior da Revolução a institucionalização de um Conselho de Trabalhadores da construção civil que tenha poder de intervenção.

Com vista a reunir esforços, os trabalhadores das empresas mais directamente alinhadas pensam alargar rapidamente o Grupo de Trabalho, pelo que já entraram em contacto com camaradas do resto do país, quer directamente quer através dos seus sindicatos.

Para análise e aprovação da proposta, realizou-se no dia 27 de Maio passado, no Pavilhão dos Desportos de Lisboa, um GRANDE PLENÁRIO DE TRABALHADORES DA CONSTRUÇÃO CIVIL.

### O PAPEL IMPORTANTE DAS COMISSÕES DE TRABALHADORES

Para nos falar do que concretamente se passou nessa plenária, tivemos o agrado de ouvir Pereira Cardoso, de local, Severiano Falcão, da "Sociedade de Construções Joaquim Francisco Santos, Lda" — Comissão Administrativa — e Manuel Marques Mendonça, da local, com os quais trocámos algumas impressões.

Soubemos assim que uma vez iniciada a sessão, e depois do presidente da Mesa ter feito a apresentação dos seus componen-

tes, na qual tomaram igualmente parte os secretários de Estado da Habitação e Urbanismo e das Obras Públicas, foi feita, através deste membro do Governo Provisório, uma saudação especial ao primeiro-ministro, general Vasco Gonçalves.

Após a leitura da acção desse Plenário, verificamos que após o presidente da Mesa ter historiado um pouco o que foi a luta dos trabalhadores da construção civil em termos de Abril, alguns indivíduos presentes se manifestaram contra essa exposição, tentando impedir a continuação dos trabalhos, o que nos pareceu um pouco estranho. Foi Joaquim Pereira Cardoso que esclareceu o incidente:

— Isso explica-se pelo facto de alguns trabalhadores terem sido mal informados acerca do objectivo do Plenário, pois pensavam que no mesmo se iriam discutir assuntos de natureza reivindicativa.

Severiano Falcão acrescenta:

— Alguns trabalhadores, que inclusivamente usaram da palavra, ainda por carência de informações, estavam convencidos de que o Grupo de Trabalho, por ser constituído por Comissões de Trabalhadores de empresas sob o controlo do Estado, pretendia marginalizar quaisquer outras empresas, nomeadamente de carácter privado. Mas tudo isto se esclareceu e o aspecto salutar do Plenário e da consciência dos trabalhadores surgiu literalmente com a aprovação da proposta apresentada pelo Secretariado. A margem de votos contra foi mínima (cerca

## MOTORISTAS DO SECTOR-TAXIS: ALERTA CONTRA O DIVISIONISMO!

Realizou-se na passada sexta-feira, pelas 21 e 30, no Sindicato dos Transportes Rodoviários do Distrito de Lisboa, uma Assembleia convocada pela Comissão Pró-Unidade dos motoristas do sector-táxi, cuja ordem de trabalho incluiu dois temas: desemprego e eliminação total dos Comissionários.

O grupo Pró-Unidade foi criado por taxistas de diversas ideologias políticas, mas unidos entre si pela mesma ansia de dinamização do Sindicato a que pertencem. Correspondendo ao apelo do Primeiro-Ministro, general Vasco Gonçalves, a Comissão Pró-Unidade propõe-se contribuir com o seu esforço para a batalha da produção pedindo a todos os camaradas, se tanto for necessário, o sacrificio de prescindirem de alguns dos privilégios de que tem usufruído até aqui, a fim de que a sua luta possa contribuir para a criação de um Portugal novo, com melhores condições de vida para todos e um futuro mais gaus-

rantido para os nossos filhos. Estes trabalhadores pensam sinceramente que a batalha da produção deve entrar também nas empresas privadas e não apenas nas que já foram nacionalizadas.

«Alerta, camaradas, contra o divisionismo que avorça a bandeira do anticomunismo como o fascismo fazial — diz um funcionário do ramo — Este divisionismo que se tenta infiltrar nas classes trabalhadoras em nada ajuda as mesmas. As forças reacçãoárias são bem muito bem que juntas são uma força, mas que divididas nada somos.»

Foi Lopes Alvares quem nos falou dos principais objectivos que leva-

ram o motoristas de taxi a criar o grupo Pró-Unidade:

«Em primeiro lugar pretendemos resolver o problema do desemprego, que de momento não atinge proporções alarmantes, mas que pode vir a atingir-las em segundo lugar, queremos eliminar por completo os Comissionistas, que também são camaradas, mas que trabalham apenas em parte na indústria de táxis, pois mantêm um outro emprego-base.

«Claro que a entidade patronal prefere esses profissionais, o que lhe permite fugir à contratação legal. Aliás, a eles também nada interessa descontar para a Caixa, por exemplo, pois já o fazem nas outras empresas. Como é lógico, estes profissionais são camaradas desempregados e a Pró-Unidade está disposta a tomar atitudes verdadeiramente revolucionárias para resolver o problema.»

Manuel Marques Mendonça comenta ainda um facto que não deixou de levantar dúvidas:

«Durante o Plenário, tomou-se estranho que dois vendedores de bebidas se tivessem envolvido em desordem, procurando agredir-se mutuamente, o que foi evitado devido à rápida intervenção dos trabalhadores. Se o incidente não tivesse sido prontamente reprimido, não se sabe a que ponto chegaria, já que eles dispunham de material (as garrafas), o que poderia vir a ser muito perigoso.»

No entanto, o êxito do Plenário não foi alterado — e antes do encerramento da sessão a Mesa apelou para que os camaradas presentes fizesses uma saudação ao M. F. A. e ao Conselho Superior da Revolução, que foi recebido com uma calorosa salva de palmas, ao mesmo tempo que foram gritadas palavras de ordem de apoio ao M. F. A. e à união Povos-M. F. A.

A terminar soubemos ainda que o secretário procurou avisar-se no passado dia 30, com o Conselho da Revolução, a fim de marcar uma audiência para que sejam debatidas as propostas aprovadas em Plenário.

# TRABALHADORES DA BOSCH REAGEM EM CASOS DE SABOTAGEM ECONÓMICA

A reacção está à espera. Está à espera e aguarda o melhor momento para atacar. Entretanto, vai fazendo o que pode. Neste momento, uma das principais armas de reacção é a sabotagem económica, tanto a nível interno como externo. Sim, porque o capital estrangeiro também não vê com bons olhos a nova situação portuguesa. Surge, então, as tentativas de despedimento, os deslambos (roubos) de capital para o exterior e outras manobras que todos nós começamos a conhecer.

Ha algum tempo, tomámos conhecimento das manobras de que têm sido vítimas cerca de 200 trabalhadores da firma ROBERT BOSCH, LTD. Tratase, na verdade, de um caso exemplar de sabotagem económica levada a cabo a partir de um país estrangeiro.

Resolvemos, pois, ir até aos serviços centrais da Bosch em Cabo Ruivo, onde a Comissão de Trabalhadores nos deu a conhecer o que tem sido a luta de todos quantos ali laboram.

Poi Pires Sebastião quem começou por nos declarar: «A Bosch dedica-se essencialmente à comercialização de material eléctrico, acessórios para automóveis e ferramentas eléctricas. Nosso papel é, portanto, canalizar os produtos que nos são enviados de lá do fora, através dos diversos concessionários e agentes distribuídos por todo o País».

Quer isto dizer que a sobrevivência dos 200 trabalhadores da Bosch depende do material que lhes é enviado da exterior, neste caso de Alemanha. Casos destes existirão talvez às centenas no nosso país, produto de uma política de dependência económica

relativamente a outros países, criada e fomentada pelo ex-regime fascista. Mas voltamos a nos conversar com a Comissão de Trabalhadores: «Aparentemente — prossegue Pires Sebastião — não existiam problemas antes do 25 de Abril. Só se fazia sentir a necessidade de se proceder a uma reestruturação dos serviços a todos os níveis. Após o 25 de Abril foi eleita a Comissão de Trabalhadores que, imediatamente, elaborou um caderno reivindicativo. E a partir deste momento que surgem os primeiros problemas».

Ao que parece, as reivindicações apresentadas pelos trabalhadores não agradaram à administração, na sua maioria constituída por alemães ou, para o caso, pela actua forma idêntica em qualquer parte do mundo. Sobre o assunto, José Costa adiantou-nos: «Logo nas primeiras negociações surgiram os primeiros problemas no sentido de se arrastarem as resoluções das nossas reivindicações. Tentaram amarrar-nos os movimentos através de certos estatutos que regulavam o funcionamento da Comissão de

Trabalhadores. A princípio até desbarbámos na manobra porque, é claro, havia uma certa inexperience da nossa parte. Com tudo isto, as nossas reivindicações foram ficarem para trás».

Sentindo dificuldades no avanço da luta, os trabalhadores resolveram eleger os seus delegados sindicais e recorreram à ajuda dos sindicatos.

Já em colaboração com os sindicatos — prossegue José Costa — elaborámos um novo caderno reivindicativo e os resultados foram diferentes. Conseguimos conquistar uma grande parte das nossas reivindicações. Entretanto, nos primeiros de Setembro, surge uma ameaça de despedimento de 10 por cento do pessoal. Estranhámos tal atitude uma vez que estava no espirito de todos os trabalhadores melhorar a situação da empresa. Entrámos em contacto com o responsável na Alemanha, o senhor veio cá e disse que o problema estava a ser estudado, e que os despedimentos eram uma pequena parte da grande complexa que é a Bosch.

Esta foi a primeira grande manobra levada a cabo pela administração, que, naturalmente, não ficaram por aqui, senão vejamos o que mais nos contou um dos nossos entrevistados: «Surtiu, entanto, uma notícia publicada num vespertino de Lisboa, baseada em afirmações feitas por um dos elementos da Comissão de Trabalhadores, afirmações essas contrárias às decisões tomadas pelos trabalhadores em plenário. Detectámos como a notícia tinha surgido e o referido elemento acabou por se demitir».

Por fim, a 21 de Novembro, dá-se a última investida: «A 21 de Novembro — continuou José Costa — foi anunciado pela administração o despedimento de 110 trabalhadores. Demos conta de tudo isto ao Ministério do Trabalho, à Intersindical, Governo Provisório e às entidades mais representativas. Comunicámos ainda a nossa situação às centrais sindicais da francesas e alemãs e às fábricas da Bosch distribuídas por toda a Alemanha. Uma face da nossa movimentação, a administração foi apresentando contrapropostas no sentido de reduzir o número de despedidos até que, por fim, já só queriam despedir 67 pessoas».

Em face do sucedido, o Ministério do Trabalho publicou um despacho ao abrigo do disposto no artigo 3.º do artigo 4.º do Decreto-Lei n.º 783/74 de 31 de Dezembro, no qual declara não considerar os despedimentos previstos.

A terminação, no ponto da situação feito pelos nossos entrevistados: «Reconhecemos que existem empresas que são a Bosch, a carlos de frente. Os trabalhadores estão dispostos a construir a empresa, mas não há o interesse que a administração também o queira. Há que reestruturar a empresa, por exemplo, a nível técnico, que é fundamental para o bom funcionamento da Bosch, além de ser má é cara. Também há que melhorar a situação em relação ao nosso caso. Não sabemos como, mas haverá de certeza alguma coisa. Mas cheie amigo, enquanto existirem cooperativas no Alentejo, é fome não morreremos certamente».

## FÉRIAS MAIS BARATAS

Na nova sociedade que queremos construir, o turismo português tem de ser colocado ao serviço das massas trabalhadoras. Ao turismo burguês terá de substituí-lo agora o turismo proletário. Os trabalhadores hoteleiros, conscientes da responsabilidade que lhes cabe nesta tarefa, decidiram meter mãos à obra.

Os trabalhadores das agências de viagens, através do seu Sindicato, deram também o seu apoio a esta iniciativa, assim como a Intersindical, central única dos trabalhadores portugueses.

Assim está já criado o GITUS — Grupo Intersindical para o Turismo Social, para dinamizar tal iniciativa. Por tanto, cada um dos trabalhadores poderá passar as suas férias ou mesmo fins-de-semana a preços módicos.

Deste modo, neste momento, está já à tua disposição os seguintes:

Lisboa Plaza; Diplomático; Altis; D. Manuel; Atenas; Excel-sior; Avenida Palace. Naturalmente que os hotéis que estão sob o controlo dos trabalhadores, estão também ao teu dispor. Por isso, podes descansar confortavelmente no Aparthotel-Tróia; no Hotel de S. Cristóvão-Lagoa; na Estalagem Bragança; no Apartado Sol; no Hotel Nau; e ainda nos hotéis Fenix e Embaixador, ambos em Lisboa.

Non entanto, camarada, para poderes usufruir dos descontos e desta iniciativa dos trabalhadores podes os trabalhadores teres de fazer a marcação dos hotéis através do teu shioptado ou do GITUS. Por outro lado, sempre que queiras permanecer, terás um desconto de 25 por cento sobre o preço normal, sendo necessário para tal que apresentes o teu cartão sindical.

Para mais informações dirige-te ao teu sindicato, ou à Intersindical ou ainda ao GITUS, sito na Avenida António Augusto de Aguiar, 11.

Camarada! «Esperamos que possas aproveitar desta iniciativa, pois fazemo-lo, ajudámo-nos a manter os nossos postos de trabalho (120 milhões de cofalaria), tal é o apelo do GITUS para todos os trabalhadores portugueses.

Trabalhadord Participada, dá o teu apoio a esta iniciativa.

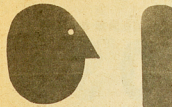
## B. E. S. C. L.: BATALHÃO DA PRODUÇÃO

Os trabalhadores do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa (B.E.S.C.L.), que tantas promessas deram de ardor revolucionário (recorde-se a sua actividade na desmontagem da vasta operação de sabotagem posta em pé pelos antigos senhores daquele banco) dão agora mais um ineludível testemunho da sua vontade de fazer avaarçar o processo revolucionário. A dependência daquela banco em Beira anunciou que os empregados estão a trabalhar fora das horas normais de serviço, sempre que tal se mostra necessário. Os registos dos prolongamentos de horário fazem-no no livro de registo de trabalho ordinário da dependência da Avenida da Liberdade em Lisboa decidiram os trabalhadores (21 votos a favor, 4 contra e 6 ausências) que, durante o período de 1 de Junho a 30 de Outubro, se trabahem até às 19 horas sem recebimento de horas extraordinárias. Também na dependência da Praça do Município os grandes trabalhadores tomou idêntica decisão, o mesmo se passando com os das dependências de Benfca de Campo de Ourique. A Secção de Títulos da Rua Nova do Almada decide, por sua vez,

ceder uma hora diária de trabalho gratuito, a fim de contribuir para a manutenção do trabalho extraordinário.

Finalmente, reunidos em plenário, os trabalhadores da Secção de Transferências do mesmo banco, decidiram igualmente que, de Junho a Outubro, a hora de saída passasse a ser às 19 horas.

Dos considerandos justificativos das propostas aprovadas, retransmitem-se as seguintes ideias-mestras que presidiram a estas decisões: em tempo de férias, a ausência de trabalho pelo maior motivo; a necessidade de aumentar o número de horas de trabalho ou de aumentar o pessoal; os aumentos de pessoal estão cancelados, pois há que diminuir as despesas governamentais, e por isso as horas canceladas; o recurso às horas extraordinárias pagas deve ser rejeitado pelo maior motivo: a batalha da produção exige que as tarefas sejam cumpridas, logo não se pode deixar o trabalhador deixar o seu actual serviço em atraso. É referente tudo isto, só restava aos trabalhadores do B. E. S. C. L. uma solução de combate ao Guitus. A Secção de Títulos da Rua Nova do Almada decide, por sua vez,



## NOTÍCIAS DA INTER

### Apoio à candidatura do M. F. A. para o Nobel da Paz

O Secretariado da Inter enviou para a Presidência da República documentos do Movimento Sindical Unitário Português de Apoio à candidatura do M.F.A. ao Prémio Nobel da Paz. Trata-se dum novo processo contendo 9176 assinaturas, que, somadas com as anteriormente recolhidas, ascendem a 50.509. Do mesmo processo constam ainda 11 moções, 25 telegramas e 24 outros documentos diversos.

### Trabalhadores da Movar

A Comissão de Trabalhadores da Movar, firma de Ovar, que se começou a sua laboração depois de um período de paralisação da actividade, enviou um telegrama a Inter, agradecendo a solidariedade de que lhes foi prestada durante a sua luta e anunciando a vitória conseguida, com a total satisfação do seu caderno reivindicativo.

### Sindicato Bancários de Lisboa

Sindicato Bancários protesta veementemente contra intromissão dessa Câmara nos assuntos internos de Portugal. Lembramos que o Governo da Bélgica foi dos que mais apoiaram o Governo fascista-colonialista de Salazar e Caetano. Foi com a ajuda, entre outros, do Governo da Bélgica, que Salazar e Caetano mantiveram as Guerras Coloniais. En-

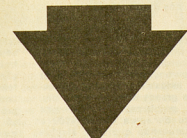
quanto o povo português era preso e torturado pela repressão fascista, nunca essa Câmara se «preocupou» com a situação interna em Portugal.

### Que se passa no Lactínicos Lusó-Serra?

Numa carta que nos foi enviada pelos técnicos doentes, Victor Colunas Pereira e Armando Mesquita, é-nos dado conhecimento duma situação anómala que se passa na firma Lactínicos Lusó-Serra com 80 empregados. Manobras da administração, tendentes a forçar a falência da empresa, ameaçam criar uma situação de desemprego para os 80 trabalhadores. A firma situa-se no Ladoeiro, concelho de Idanha-a-Nova, distrito de Castelo Branco. É a única actividade fabril da localidade. A grave situação criada na empresa ameaça, além disso, os produtores locais de leite, que já não recebem os pagamentos que lhes são devidos, há três (e nalguns casos, quatro) meses.

A situação é agravada pelo facto de, numa terra situada a grande distância dos centros mais politizados, os trabalhadores não terem ainda tomado consciência dos seus direitos e continuarem dominados pelos velhos recetos do fascismo.

## COMUNICADOS



### Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas do Distrito de Beja

A comissão local do sindicato dos trabalhadores agrícolas de Almodovar denuncia «a mais infame afronta contra 3 trabalhadores» que «são mãe e têm filhos» praticada «pela pessoa de Francisco Santos Vaz Ramos, candidato do Partido Popular Democrático», que deve «a estas trabalhadores 68 dias de trabalho, há três meses, sem que se digne, apesar da pressão feita pelo sindicato, a pagar».

### Sindicato Têxtil do Porto

«As trabalhadoras da fábrica F. G. Santos, Lda, paralisaram o trabalho e ocuparam as instalações, informando-se num comunicado daquele sentido: «A empresa pertencente aos «hamigerados» Gomes dos Santos, ligados à Texamahal», pretendeu pôr em prática a paralisação da firma. Alertado o Sindicato, das manobras que a ge-

## TRABALHADORES DE SEGUROS ESTÃO COM A BATALHA DA PRODUÇÃO

«Estamos a viver um momento único no nosso país. Nunca as classes trabalhadoras estiveram tão perto da libertação como hoje», declarou o comandante Raimundo Correia, na sessão de esclarecimento levada a efeito no passado dia 4, na sede do Sindicato dos Seguros da Lisboa. Presentes outros elementos do M.F.A. (comandante Begonha, tenente Zambujo, aspirante Oliveira e sargento Orlando), elementos da direcção daquele sindicato e Carlos Carvalho, membro do secretariado da Inter. Os trabalha-

dores de que se sabe, nos países socialistas não existe desemprego.»

O tenente Zambujo fez da necessidade de um verdadeiro empenhamento revolucionário da parte de todos os portugueses, «o preciso atear a chama, existem ainda muitas pessoas passivas, comodamente sentadas a ver para onde vai a revolução. As pessoas têm de se definir neste momento. Como disse o general Vasco Gonçalves, as pessoas ou estão com a revolução ou estão contra a revolução.» — disse.

A terminar, o comandante Ra-



dores reunidos na sessão aprovaram por aclamação uma moção de apoio ao M.F.A. e à ideia revolucionária da batalha da produção.

Carlos Carvalho destacou o papel importante da batalha da produção e o relevo que a acção das organizações de trabalhadores tem nessa batalha. Falando sobre o desemprego, disse o representante da Inter: «há realmente necessidade de criar de imediato novos postos de trabalho. Mas não tenhamos ilusões. Não é numa sociedade capitalista que criaremos uma situação de pleno emprego. Essa só a iremos encontrar na sociedade socialista que estamos a construir, pois,

miro Correia afirmou: «Este momento vale por todo o seu pelo contido nos nossos esportes, como que o processo de libertação do povo português está ligado à libertação de outros povos. Se nós tivémos consciência do momento que vivemos, se nos lembramos que este momento constitui quarenta e oito anos de luta antifascista, durante os quais muitos homens e mulheres sacrificaram a própria vida, se nos recordarmos de que teve de haver uma guerra com dez mil mortos e trinta mil deficientes, estaremos à altura de termos orgulho de sermos portugueses. E este é um exame de consciência que cada português deve pôr a si próprio.

trabalho através de todas as manobras ao seu alcance malogradas, pelo que os trabalhadores se encontram em greve «em união perfeita com o colega despedido» encontrando-se dispostos «a lutar até à readmissão» do colega injustamente despedido.

### Sindicato dos Trabalhadores Electrificistas do Sul

«Os trabalhadores da empresa «Fazaluz» reunidos em plenário no dia 22, decidiram: 1 — Eleger uma Comissão de Fiscalização composta de 3 membros; 2 — Eleger uma Comissão de Produtividade composta de 7 elementos; 3 — Tomar parte activa no processo histórico que o nosso país atravessa pelo que todos os sectores da empresa em Faro e Fátima (Oficinas Sector de Peças, Vendas, Estação de Serviço, Butagás e Propagás, Electrodomésticos e Pronto-Socorro) — Eleccionaram no dia 31 de Maio (sábado).

# OPERÁRIOS CORTICEIROS: «É NECESSÁRIO QUE OS TRABALHADORES CONTROLEM A PRODUÇÃO»

«Entregamento (antes do 25 de Abril) dizia-se que Portugal era um País pobre. Era uma espécie de desgraça que se fazia abater sobre todos nós. E, assim, durante 48 anos convenceram-nos de que nada havia a fazer. Era o «destino». E contra o «destino»... paciência e resignação. Um ano após o 25 de Abril apercebemo-nos que, afinal, o «destino» está nas nossas mãos. O futuro pertence-nos. Riquezas não nos faltam, tudo depende da forma como as utilizarmos. Tudo isto a propósito da indústria corticeira, uma das maiores fontes de riqueza do nosso país. Pelo menos, assim deveria ser. No entanto, os problemas que afectam aquela indústria não são poucos.»

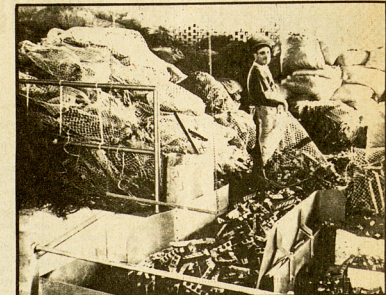
Também neste caso, as prepotências do grande capital se fizeram sentir. Desta vez, fomos até ao Sindicato Nacional dos Operários Corticeiros do Distrito de Faro, com sede em Silves, onde alguns elementos da direcção nos contaram os problemas que mais alegam a classe.

## UM BELLO EXEMPLO

Deu início à nossa conversa o amigo Manuel Pessanha (um jovem de 68 anos, presidente da

de então até ao 25 de Abril muita coisa se passou. Com o 25 de Abril vim tomar o Sindicato como um grupo de camaradas. Sinceramente, ao tomar o Sindicato não era minha intenção ficar na direcção, mas, durante uma assembleia geral acabou por ser eleito e, até à data cá estou.»

Neste mesmo tom, em conversa amena, Manuel Pessanha começou, então, a contar-nos os problemas que mais afectam a classe: «Neste momento um dos problemas com que nos debatemos



Há que reverter a indústria da cortiça. Estamos a exportar a matéria-prima e importamos depois os produtos manufacturados, que nós próprios podíamos fabricar com grande benefício para a indústria nacional

Sobre o assunto, Joaquim Simões, membro da direcção da delegação do Sindicato em Faro, adiantou-nos: «Não se pode dizer que a indústria corticeira atravessa uma grande crise. Existem, sim, alguns problemas. Por exemplo: o preço da aparca baixou \$500 o que, parecendo que não, afectou um pouco a indústria. Por outro lado, no sector da fabricação de rolhas, registou-se uma grande quebra porque a maioria das bebés são enroladas com material plástico. Finalmente, a cortiça é exportada, na sua maioria, em pranchas que, lá fora, serão transformadas em rolhas. Ora nós pensamos que a cortiça deveria ser exportada mas já transformada, quer em rolhas quer em qualquer outra coisa. Quer dizer: a indústria deveria ser verticalizada. Pensamos, pois, que o Governo Provisório tem que olhar para o nosso caso e, ao mesmo tempo, ver os problemas com que se debatem as pequenas e médias empresas.»

Não estamos, portanto, em presença da tal crise de que os industriários corticeiros tanto se lamentam.

## A BATALHA DA PRODUÇÃO

Soubemos em seguida qual a posição do Sindicato dos Operários Corticeiros relativamente à Batalha da Produção: «Estamos totalmente de acordo com a Ba-

talha da Produção mas, para que seja ganha, é necessário que os trabalhadores controlem a produção. Nesse sentido, tudo temos feito para que os trabalhadores controlem efectivamente toda a produção. Mas o controlo efectivo só se registará quando a reestruturação da indústria se verificar. Até lá, faremos o que se puder.»

A terminar esta curta conversa, vejamos, através das palavras de Manuel Pessanha, quais os principais objectivos do Sindicato: «Neste momento, estamos a negociar um novo contrato colectivo de trabalho. Pretendemos, assim, conquistar um mês de férias, subsídio de Natal e a diminuição do leque salarial.»

Existem pessoas integradas na produção (encargados) que ganham exorbitantes, 17 mil escudos por exemplo. Paralelamente são reivindicadas uma série de regalias de carácter social: previdência, seguro, cantinas etc. Finalmente quero lembrar que estou na situação de reformado mas sel qual é meu lugar? O meu dever é defender os trabalhadores corticeiros, é estar junto à minha classe.»

Esperamos, pois, que as reivindicações dos operários corticeiros sejam satisfeitas. Ou melhor: conquistadas.

Quanto ao amigo Pessanha, obrigado pelo bello exemplo que nos deu e que, ao certo, continuará a dar ainda por muitos anos.



«Neste momento um dos problemas com que nos debatemos são as horas clandestinas» — diz-nos Manuel Pessanha

direcção: «Gostaria de começar por lhe contar um pouco da minha vida. Em 1934, quando eclodiu um movimento revolucionário no nosso país, fui preso e condenado a 14 anos de prisão. Acusava-me de anarquista. Cumpri 26 meses na Bomba do Heróismo, 10 anos no Tarrafal, passei pelo Aljube e, por fim, em 1946, fui posto em liberdade. De tudo isto, resta-me a satisfação de nunca ter denunciado um único camarada. Enfim, isto já é de família. O meu pai era considerado revolucionário ainda no tempo do rei D. Carlos.»

Com esta aparente simplicidade, o nosso entrevistado deu-nos a sua vida. Uma vida totalmente dedicada à emancipação das classes trabalhadoras. Mais cedo do que muitos de nós, Manuel Pessanha apercebeu-se que o tal «destino», de que falámos no começo desta entrevista, está nas nossas mãos.

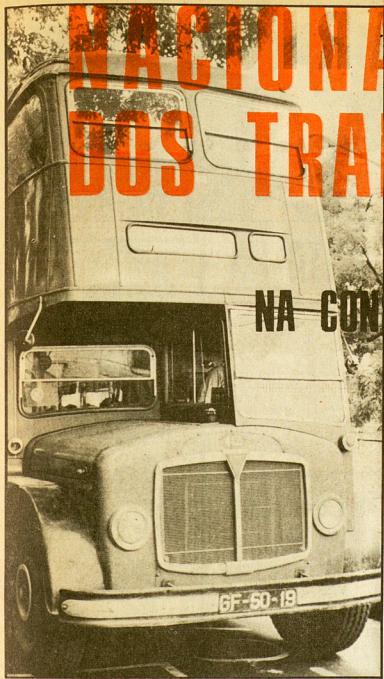
Mas a luta não parou com a saída da cadeia, senão vejamos: «Quando saí, comecei a trabalhar e vim aqui para o Sindicato. Des-

as horas clandestinas. Quero dizer: trabalhar amarrado que, ao fim de uma jornada de trabalho, vão trabalhar para outro patrio. Ocupam o tempo de trabalho que poderia pertencer a outro camarada. Temos realizado rusgas nocturnas e já apanhámos uns quantos. De resto, é a própria classe que assim quer. Quanto a desemprego, e apesar de uma certa crise que a indústria atravessa, não existe praticamente. Por outro lado, conseguimos sindicalizar quase toda a classe através de umas folhas de sindicalização distribuídas em todos os locais de trabalho. Somos perto de 1600 e quando há reuniões estão sempre presentes mais de 50 por cento.»

## A INDÚSTRIA EM CRISE

Manuel Pessanha falou-nos de uma certa crise. É claro que após o 25 de Abril todos os patrios gritam o espantoso da crise. Crise da cortiça, crise da construção civil, crise do turismo, etc. Mas os trabalhadores sabem bem qual é a crise e quem a provoca.





# INDIVÍDUOS TRANSFORMADOS MAS UM PASSO NA CONSTRUÇÃO DO SOCIALISMO

No prosseguimento das medidas económicas de emergência, foram recentemente nacionalizadas a Carris, o Metro e a Empresa Geral dos Transportes. Estas medidas enquadram-se na política de nacionalização e de controlo do poder económico que a situação originada pela derrota das forças reacţionárias no 11 de Março, permitiu levar por diante, com a finalidade de colocar a economia ao serviço dos trabalhadores.

Em 15 de Abril foram anunciadas ao País as bases gerais dos programas de medidas económicas de emergência: Programa Nacional do Emprego, congelamento dos preços dos bens essenciais alimentares para travar a alta do custo de vida, Programa de Reforma Agrária, Programa de Controlo dos Sectores Básicos Industriais e Programa de Transportes e Comunicações. Neste último sector definem-se um conjunto de medidas, a curto e médio prazo, que passam pela «nacionalização dos grandes operadores de transportes e comunicações» e apontam no sentido de uma profunda reestruturação do sector, prioridade dos sistemas de transporte colectivo em relação ao transporte privado, «formação de cooperativas e de comunidades de transporte em torno de pólos sociais de desenvolvimento», etc.

Como se vê, a política dos transportes insere-se num processo que tende a transformar radicalmente a sociedade portuguesa, o que terá de passar pela completa destruição das bases materiais em que assentava o edifício fascista e pela construção da sociedade socialista.

A prioridade do transporte colectivo sobre o transporte individual, que o Programa de Transportes e Comunicações refere, põe em causa o modelo de consumo da sociedade capitalista. Modelo que se encontra evadido de todos os irracionalismos inerentes à organização capitalista do processo produtivo actuando de acordo com a lei da maximização dos lucros. A modificação da atitude individualista face ao consumo terá de passar por profundas alterações, não só ao nível do aparelho de produção mas também ao nível social e cultural.

## NACIONALIZAÇÕES E A CONSTRUÇÃO DO SOCIALISMO

Estas medidas inserem-se num contexto em que a iniciativa privada coexiste com a apropriação colectiva da parte importante dos meios de produção e de repartição. A nacionalização da banca e seguros, dos sectores básicos industriais, dos transportes e co-

municações, o início da reforma agrária, são outras tantas machadadas no capital monopolista e latifundiário e criam as condições materiais da economia socialista. Encontramo-nos, pois, numa fase de transição, numa fase crítica sem dúvida, uma vez que ao peso da terrível herança legada pelo fascismo se junta a da actual crise do capitalismo internacional, que o próprio Kissingler classificou como sendo a mais grave depois da grande recessão dos anos trinta. Na actual fase, as forças do «mundo novo» avançam cada vez mais face às do «velho mundo», caracterizado pela manutenção de todo um sistema de terror e de opressão de uma minoria na posse dos meios de produção. É fundamental compreendermos que as nacionalizações referidas se enquadram num contexto de ofensiva da classe operária, de conquista e não de uma simples cedência estratégica da burguesia, para, a longo prazo, recuperar o que a curto prazo perdeu, o que se verificou nos anos imediatos do pós-guerra na França e na Inglaterra, por exemplo. Nestes países, as nacionalizações não afectaram os sectores básicos industriais e acabaram por ser elementos da própria dinamização do sistema capitalista, entendido com um todo.

Na sociedade portuguesa, as nacionalizações são parte integrante da construção socialista da economia, que é tarefa dos e para os trabalhadores portugueses, como se afirma no preâmbulo do decreto-lei que lança as bases gerais dos programas de medidas económicas de emergência.

## CONTROLO OPERÁRIO DA PRODUÇÃO

«O controlo operário e a nacionalização dos bancos já começaram a... estes são precisamente os primeiros passos para o socialismo», escrevia Lenine em princípios de 1918. Em Portugal, não só os bancos e os seguros foram nacionalizados como o foram igualmente os sectores básicos da actividade industrial. Demos, assim, os primeiros passos o que não impede que seja longa a caminhada.

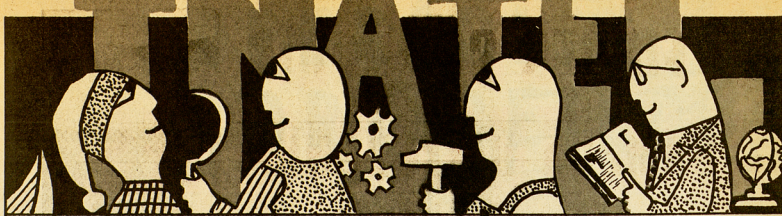
Para que a economia não mais seja estranha aos trabalhadores, não seja mais a fonte da própria

alienação do trabalho humano, é necessário o controlo organizado da produção pelos trabalhadores, como o reconhece explicitamente o Conselho Superior da Revolução. Essa a grande tarefa dos trabalhadores portugueses na sua caminhada para o socialismo. De facto, é a classe trabalhadora a única classe (por razões objectivas e a sua inserção no processo produtivo) que o pode realizar.

O controlo da produção e, de uma maneira geral, a participação dos trabalhadores nas empresas, revestirá formas diferentes consoante se exerça numa empresa nacionalizada ou numa empresa privada. Dependerá igualmente de outros factores como a situação política nacional, a existência de forças a nível de empresa ou de sector de produção, experiência adquirida na execução do controlo, etc. Reconhecer a diversidade de condições não significa no entanto, a renúncia antecipada às tarefas de controlo de produção. Pelo contrário, a verificação das múltiplas particularidades deverá ser um factor de coesão dos trabalhadores para os objectivos essenciais: a construção do socialismo.

No plano prático, o controlo da produção passa pela fiscalização em pontos estratégicos da actividade empresarial: renovação, manutenção e amortização do equipamento, «stocks», preços de venda, actividade financeira, etc. Os sindicatos deverão ter um papel importante no seu lançamento e dinamização, fornecendo apoio técnico, organizando, eventualmente, cursos de controlo operário e de formação técnica, etc. Deverão ser igualmente estudadas estruturas de âmbito de mais amplo que o da empresa sectorial, regional e nacional.

O controlo da produção é, pois, uma componente acentuada essencial, da Batalha da Produção. Esta é, por sua vez, como o afirmamos o ministro da Indústria e Tecnologia, João Cravinho, no seu discurso proferido na Soresta, «uma batalha política, e uma batalha de classe inserida num projecto global de caminhada para o socialismo reflectindo a própria tensão entre os órgãos constituintes, tal como eles estão constituídos e a dinâmica do poder dos trabalhadores.»



## MINAS DO PEIJO

# TRABALHADORES NA BATALHA DA PRODUÇÃO

Vieram as minas do Peiço o Major Delgado da Fonseca — representante do Conselho da Revolução e membro da Comissão Dinamizadora do M.F.A. do Porto, Dr. Odete Santos — adjunto do ministro do Trabalho, Dr. J. Reyes — delegado da Secretaria de Estado do Trabalho de Aveiro e o Dr. Guedes Lebre — membro da comissão administrativa do INATEL, quiseram estas individualidades, com esta visita, manifestar o apreço do Governo Provisório e do Conselho Superior da Revolução aos mineiros do Peiço pela maneira como souberam responder ao apelo feito à classe operária e aos trabalhadores em geral, no sentido de obterem uma grande vitória na batalha da produção, tarefa revolucionária prioritária para a construção do socialismo em Portugal.

O exemplo dos mineiros do Peiço assim como o dos trabalhadores da Sorefame, da Seicla e da Joaquim Francisco dos Santos, Lda., deve constituir mais um marco importante do nosso processo revolucionário e ao mesmo tempo um apelo a todas as outras empresas para que, produzindo mais, ajudem a consolidar as conquistas alcançadas pelo povo português em 25 de Abril, 28 de Setembro e 11 de Março.

O INATEL, identificado com esta grande e primordial campanha que é a da batalha da produção, não quer estar empenhado não só o M.F.A. e as forças políticas progressistas, como e principalmente, todos os trabalhadores portugueses, tem dada a sua contribuição simbólica, entregando aos trabalhadores que mais se distinguem títulos de férias, esten-

as familiares dos trabalhadores apontados como exemplo pelos seus camaradas.

Achamos de interesse para todos os camaradas trabalhadores, a transcrição das palavras proferidas nesta visita ao Peiço pelo representante do INATEL, Dr. Guedes Lebre: — Depois de termos tido o prazer de assistir a uma grandiosa jornada de luta de trabalhadores, onde ardorosamente foi festejada uma grande vitória na batalha da produção, pois disso se podem orgulhar os vossos camaradas da Sorefame, depois de outros acontecimentos passados em duas outras empresas, é-nos dado a honra e o prazer de de novo representar o INATEL perante os maiores representantes que possível, se associa de bom grado a este tipo de luta.

E com todo o gosto que vos entrego isto pequenos diplomas

que serão atribuídos pela comissão de trabalhadores, aos oito mais activos colaboradores nos díctos que entretanto vos tendes alcançado; esses diplomas darão aos seus titulares e à sua família o direito a 15 dias de férias num dos centros de férias do INATEL, em data a combinar.

## REFORMULAÇÃO

— O INATEL — o organismo que sucede pelo menos em nome à F.N.A.T. — passa actualmente por grandes transformações.

E transformações grandes, na medida que com elas não se pretende só atingir as estruturas materiais e humanas, mas preponderantemente a sua superestrutura pretendese levar a efeito numa quase total reformulação da mentalidade que determina a sua acção.

Organismo ao serviço do fascismo, a F.N.A.T. desenvolveu acções caracterizadas por um profundo reaccionarismo; isto não impedia que no seu seio trabalhassem pessoas bem intencionadas a ponto de uma grande percentagem antolhar com simpatia a possibilidade da sua efectiva reconversão ao serviço da nova mentalidade.

Hoje, pretendese que o INATEL seja mesmo um organismo de trabalhadores para trabalhadores. E por isso não se alheia da batalha da produção.

Certo número de realizações levadas a efeito, por exemplo, no campo cultural, atesta bem que as suas actividades pretendem dirigirse aos trabalhadores.

Pensem-se o que tem sido a actividade do Trindade:

A Semana do Cinema Cubano, e Semana do Cinema Soviético, espectáculos de Canto Livre, «O Canto do Fantecho Lusitano» de Peter Weiss, «O Tor e Miséria do Ill Ratch», de Bracht, «O Furo e a Morte de Joaquim Murieira» de Neruda.

Para reflectirem quanto diferente é mentalmente falando, este organismo do seu antecessor.

Basta ver a composição da sua actual comissão administrativa, basta olhar para ver a composição dos diversos conselhos de delegação, constituídos por elementos eleitos pelos indicados nas diversas localidades.

## Programação Cultural

Junho — de 9 a 18

### SEMANA DO CINEMA CUBANO

em: FARO VILA REAL DE SANTO ANTONIO SILVES A PORTIMÃO

### DANÇAS E CANTARES

Dia 20 — No Cine-Teatro da Guarda o Grupo Folclórico Juppilavo;

Dia 20 — Na CUF (Barreiro) Grupo Folclórico da Fábrica Skoda ((Checoslováquia).

Dia 21 — Em Viseu, no Rossio, o Grupo Folclórico Juppilavo.

Dia 21 — Em Setúbal, Grupo Folclórico da Fábrica Skoda (Checoslováquia).

Dia 22 — Em Almada, na Inezil Almadsen, o Grupo Folclórico da Fábrica Skoda ((Checoslováquia).

Dia 23 — Nos Estaleiros da Lisnave, o Grupo Folclórico Juppilavo.

Estes dois Grupos Folclóricos que se encontram no nosso país a convite da Comissão Organizadora do Festival Internacional de Folclore, da XII Feira Nacional da Agricultura e XXI Feira do Ribatejo, deslocam-se aos locais acima indicados graças à colaboração estabelecida entre essa Comissão e o INATEL.

### TEATRO DA TRINDADE

— Julho —

### OPERA

Dias 7, 9, 11 e 14 — «A Flauta Mágica» de Mozart.

### TEATRO

Dias 17, 18, 19 e 20 (à noite) e dias 19 e 20 (à tarde) — Companhia de Teatro «Os Boneceiros».

Dia 24 — O Grupo de Teatro dos Trabalhadores do Banco de Fomento apresenta a peça «Construtores de Império» de Boris Vian.

## PORQUE O INATEL NA BATALHA DA PRODUÇÃO

— Frisase assim, por que é que o INATEL não pode ficar indiferente a um problema que é dos trabalhadores.

Com a resolução de um problema que tem de se efectivamente solucionado pelos trabalhadores — o da batalha da produção — visa-se atingir um objectivo mais vasto, a transformação da sociedade capitalista numa sociedade mais humana, a sociedade socialista.

Uma sociedade socialista, cujo motor não será mais o ánimo de alcançar o máximo lucro por parte de meia dúzia que para isso tinha de explorar a grande maioria numa forma desbráida, usando todo a espécie de estratagemas, sem qualquer espécie de pudidos, mas antes numa sociedade cujo motor será a satisfação máxima das necessidades sociais.

Uma sociedade que se alancará pela acção revolucionária de todos os trabalhadores, que, para tanto, necessitarão de alianças. Alianças que em caso algum deverão ser esquivadas, mas que acarretarão também a responsabilidade de vigilância para travar o passo às infiltrações praticadas a coberto destas mesmas alianças.

Lutemos pela instalação do socialismo no nosso país.

# AS ELEIÇÕES SINDICAIS NOS CAMPOS DE ESPANHA

As eleições sindicais que neste momento decorrem em Espanha são mais uma batalha contra o regime batista na qual se empenham organizações como as Comissões Obreras, e os diversos partidos que se pronunciam pela participação. Os trabalhadores espanhóis sabem que nenhuma eleição decorrerá em liberdade num país sujeito a uma ditadura fascista. Mas participam nas eleições sindicais, aproveitando essa oportunidade para intensificar as assembleias operárias e as reuniões de camponeses, para difundir os programas revolucionários, para apresentar as candidaturas autenticamente operárias, para fazer campanha pelos nomes realmente aprovados pelos trabalhadores, tentando, enfim, varrer todos os obstáculos e barreiras. O artigo de Enrique Lopez, que a seguir transcrevemos refere-se às eleições sindicais no campo.

Por ENRIQUE LOPEZ

As eleições vão eflorescer numa situação nacional extremamente grave. A Espanha está a viver as consequências dum duplo crise: política e económica. O regime desagrada-se, decompõe-se. Esta crise política agrava ainda mais a crise económica. E o sector mais afectado é, sem dúvida nenhuma, o campo, por ser o mais fraco. Se o campo é o mais fraco, deve-se isso à política agrícola do regime, que, durante muitos anos, foi um feixe de disposições incoerentes, que se revela como uma total anarquia.

Assim: houve anos em que sobrava trigo. Ora este ano, em Fevereiro, tivemos que comprar 22 mil toneladas de trigo. Este cereal pode dar lucro aos grandes latifundiários, mas não aos seareiros. Hoje o trigo paga-se aos camponeses a um preço inferior ao de 1968. Não admira que diminuam as áreas de sementeira deste cereal.

Para o milho, o girassol, a soja estabelecem-se preços não rendíveis de maneira a que não sejam produzidos em Espanha e a que possam ser importados pagando preços superiores. O mesmo acontece com o açúcar.

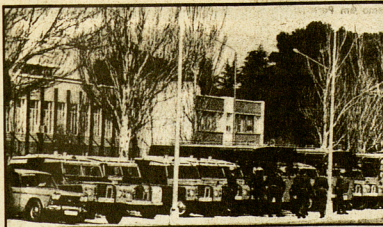
Estes cereais produzem as matérias-primas indispensáveis para a composição dos fertilizantes sintéticos que se importam dos E.U.A. com grande prejuízo para os criadores de gado. Resultado: no ano de 1974 houve um aumento de 812 por cento na importação do leite.

Em muitas zonas do país verifica-se que há agora menos gado vacum que em 1945. As importações de carne de toda a qualidade contribuem para o «deficite» da balança comercial.

Estragam-se mais de três milhões de quilos de tomate das câmaras, devido à discriminação que os países do Mercado Comum estabelecem contra a Espanha por se tratar dum país fascista.

Tudo isto explica que o descontentamento no campo atinja todas as camadas sociais e todas as res-

gões. É muito vulgar dizer-se que o campo é a «vilva pobre» do país. Mas o que têm feito os burocratas sindicais (!?) Nada. São cúmplices conscientes da ruína dos campos.



As próximas eleições sindicais, no campo, oferecem uma séria oportunidade para desencadear uma grande batalha, que, no caso de se conseguir, uma mobilização maciça em todas as localidades e profícias para eleger os representantes mais combativos nas «hermandades» (!) pode contribuir muito seriamente para agressivas profundas mudanças democráticas necessárias ao estabelecimento de uma política agrícola baseada na defesa dos interesses dos trabalhadores do campo, que coincidem plenamente com os interesses nacionais.

Nesta grande batalha das eleições pela conquista das «hermandades» torna-se mais necessária que nunca a estreita aliança dos operários agrícolas e os pequenos camponeses.

Há que organizar e preparar as candidaturas com os homens mais capazes de dirigir as «hermandades» em cada povoação, pondo-as ao serviço dos camponeses contra o Governo e os monopólios. Que todos fiquem cientes de que enquanto durar o regime este sempre sacrificará as economias dos camponeses a favor dos grandes monopólios.

Para travar esta política, há que colocar as «hermandades» nas mãos dos camponeses e operá-

rios agrícolas, os únicos que poderão impedir que a agricultura espanhola continue a ser arruinada e que as aldeias e os campos se despozem cada vez mais.

Notas:

(!) — Recordemos que em Espanha os sindicatos têm uma estrutura fascista sendo dirigidos por burocratas ligados ao regime.

(!) — As «hermandades» são os «sindicatos» agrícolas. Nestes «sindicatos» fascistas, os trabalhadores estão em posição minoritária pelo que a sua acção é sempre entravada.



O chefe de Estado espanhol, generalíssimo Franco (à direita) e o seu sucessor designado, príncipe Juan Carlos, saem da Igreja de San Lorenzo del Escorial, depois da missa de sufrágio pelos fascistas mortos que foram agraciados pela Ordem Militar de San Hermenegildo. Este o retrato oficial da Espanha. Na outra foto, um retrato mais consentâneo com as realidades: a polícia toma posições para reprimir uma anunciada manifestação de estudantes de frente do Ministério de Educação

## BOLETIM DO MINISTÉRIO DO TRABALHO

No Boletim do Ministério do Trabalho, n.º 20, de 29 de Maio de 1975, incluem-se alterações a CCT e novos CCT. Assim são publicadas alterações ao CCT para as Indústrias de Ourivesaria e Relojaria do Norte, e alteração aos acordos colectivos de trabalho celebrados entre várias empresas que, no distrito de Aveiro, exploram as indústrias de chapalaria e de preparação e corte de pelo e, o Sindicato Nacional dos Operários Chapeleiros e Oficinas Correlativas, publicados no Boletim do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência, n.º 1, de 8 de Janeiro de 1972, e ainda o CCT celebrado entre o Sindicato dos Profissionais de Transportes, Taxis e Outros Serviços do Distrito de Ponta Delgada e as empresas com oficinas de reparação e pintura de automóveis deste distrito.

São ainda publicados neste Boletim n.º 20 vários decretos- leis. Um que reconhece a intersindical como a confederação geral dos sindicatos portugueses, bem como toda a sua estrutura de âmbito regional, distrital e local, tendo como órgão deliberativo máximo o plenário ou congresso dos sindicatos nela filiados e como órgão executivo central o Secretariado Nacional. Outro que regula o exercício da liberdade sindical por parte dos trabalhadores, revoga a legislação sobre associações sindicais, nomeadamente a que vincula os trabalhadores não sindicalizados ao pagamento obrigatório de quotas e revoga as normas relativas à representação profissional contidas na regulamentação das Casas do Povo e respectivas federações e das Casas de Pescadores.

# VALÉNTINA: MULHERES COMO EU NA U. R. S. S.

A convida do Movimento Democrático das Mulheres Portuguesas, esteve durante seis dias entre nós Valentina Terechkova, a mulher astronauta que em 1963 completou 48 círculos à volta da Terra em menos de 4 dias. A visita de Valentina a Portugal só foi possível devido ao Movimento de 25 de Abril de 1974, que devolveu ao povo português as liberdades a que tinha direito, ao mesmo tempo que possibilitou o contacto com países até então proibidos.

Valentina, a primeira e única mulher astronauta do mundo, é, acima de tudo, o símbolo da emancipação da mulher soviética, em cuja sociedade lhe são dadas condições para o total desenvolvimento das suas capacidades e da sua personalidade. Essas mulheres têm uma participação activa em todos os ramos de vida do seu país e trabalham lado a lado com os homens e com responsabilidades idênticas na gestão do Estado, quer no plano social quer no plano político. Essa igualdade de direitos e de intervenção é-lhes possibilitada desde a infância, devido ao acesso gratuito que todas as crianças têm à escola primária, e, mais tarde, a uma preparação especializada, de acordo com as suas capacidades e preferências. A instrução é, portanto, assegurada pelo Estado, o que só por si dá iguais possibilidades a todos os cidadãos, seja qual for o seu extracto social.

«Eu não sou um caso isolado, nem sequer uma privilegiada», afirmou, várias vezes, Valentina Terechkova nos contactos que com ela tivemos. «Existem milhares de mulheres como eu na União Soviética.»

É essa a realidade que nos fascina neste momento da vida portuguesa, em que todos estamos empenhados na luta pela conquista de uma autêntica via socialista para o nosso país, que represente direitos iguais para todos e uma vida melhor para todos os portugueses.

## DE OPERÁRIA A PRESIDENTE DO COMITÉ DAS MULHERES SOVIÉTICAS

Filha de camponeses, Valentina Terechkova aos 17 anos é operária numa fábrica de pneus, de onde mais tarde transita para a indústria têxtil, o que a não impede de prosseguir os seus estudos e de praticar paracaidismo como modalidade desportiva. Os primeiros voos no espaço de Gagarine e Titov incluíam intensificar cada vez com maior entusiasmo a sua preparação física e a sua especialização em matérias complexas e, finalmente, em 1963 lançase no espaço com o cosmonauta Bikoikov, durante a volta da Terra um total de 2 milhões de quilómetros.

A conquista do espaço a que Valentina ascendeu, simbolicamente, pode igualmente interpretar-se como a vitória da mulher no caminho de uma emancipação total e a prova inequívoca do direito que ela tem a um lugar no mundo, idêntico ao do homem na sociedade e ao que pertence.

A evolução da Valentina e o caminho que percorreu na operária a membro do mais elevado órgão político do seu país, não

constituiu uma excepção e muito menos uma recompensa. Qualquer mulher no seu país pode atingir o plano em que ela actualmente se situa.

«A igualdade de direitos para todos os cidadãos foi uma conquista da Revolução de Outubro, mas, a partir do momento em que foi aprovada a lei de direitos iguais aos dos homens para todas as mulheres, foi necessário levá-la à prática e essa tem sido a tarefa de todos estes anos», disse Valentina Terechkova durante a conferência de imprensa realizada na Fundação Calouste Gulbenkian.

Para já, essa luta culminou com a igualdade absoluta de todos os cidadãos em qualquer ramo da



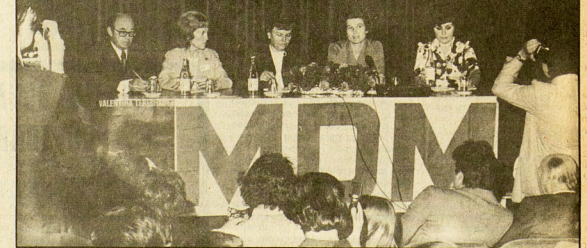
que, no verdade, tudo se conjuga para que as obrigações familiares sejam simplificadas. Em geral, nos locais de trabalho dispomos de postos de recepção que vão desde as lavandarias, às tinturarias,

ras tarefas, como seja reparações nos apartamentos, lavagem dos vidros, limpeza e encanamento do chão, chegando mesmo a fornecer pessoas especializadas para vigiar as crianças.

— Mas por outro lado existem numerosas creches, não é verdade?

— Exactamente. As instituições para crianças em idade pré-escolar devem atingir, muito em breve, um número superior a dois milhões. As mensalidades custam muito pouco aos pais, pois o Estado financia a maior parte. Claro que isso facilita, sob todos os aspectos, a nossa vida profissional. Antes do dia de trabalho, ou o pai ou a mãe encarrega-se de deixar os filhos nessas instituições infantis e antes do regresso a casa vão buscá-los. É evidente a total tranquilidade que sentimos durante as horas de trabalho ou de especialização, já que dispomos de grandes facilidades para evoluir no plano profissional, sem

## 1975 ANO INTERNACIONAL DA MULHER



Durante a conferência de imprensa realizada na Fundação Calouste Gulbenkian, vê-se Valentina Terechkova ladeada pela intérprete de russo a por Luisa Amorim, do Movimento Democrático das Mulheres

vida social, política, cultural e económica. Essa participação activa das mulheres anulou a tradicional divisão do trabalho entre homens e mulheres.

## A MULHER NA SOCIEDADE E NA FAMÍLIA

A nossa pergunta a respeito das possíveis dificuldades que a mulher soviética encontra na conciliação das suas actividades profissionais com as suas tarefas domésticas, Valentina esclareceu:

— Para nós é muito fácil, visto

sapatarias, etc. e também é podemos comprar alimentos semifabricados que nos evitam perder as horas que seriam necessárias para o cozinhar em casa. Existe ainda o recurso de comer nas cantinas das empresas, que fornecem comida a preços mais económicos.

— E quanto à conservação normal da casa de habitação?

— Também nesse campo o Governo criou um grande número de serviços públicos especialmente dedicados às mulheres. Esses serviços encarregam-se de inúmeras

qualquer prejuízo no plano de trabalho.

— No aspecto social qual é a participação activa das mulheres?

— As mulheres participam activamente nos aspectos cultural, científico e outros e em todas estas actividades elas contam com o auxílio do Estado, já que o problema feminino é considerado um problema estatal. A percentagem de mulheres na população activa do país é de 51 por cento e no

Continua na página 14

## SAVAK:

# A POLÍCIA TERRORISTA DA DITADURA IRANIANA

A revolução é vermelha. Mas não falta quem, nos nossos dias, arranje cores diferentes para classificar "revoluções" que de revolução só têm o nome. Um exemplo é a "revolução branca" do Irão (antiga Pérsia). Regime repressivo, que nada tem a invejar a todas as ditaduras fascistas da nossa época, o Irão distingue-se de algumas delas pelo facto de ter conseguido alcançar um espectacular avanço económico. Deve-se esse avanço em grande parte aos rendimentos do petróleo. Rendimentos que, longe de terem beneficiado as massas trabalhadoras do país, têm antes servido para agravar a exploração capitalista. Por outro lado, grande parte dos ricos países está a ser aplicada em gastos militares, tendentes a instaurar um novo Império Persa, que, juntamente com o reino saudita, sirva de poderoso aliado dos interesses imperialistas norte-americanos naquela zona, e consiga derrotar as forças progressistas que se agitam na região do golfo Pérsico. Um relatório publicado pelo Comité Central do Partido Tudeh (Comunista) do Irão — do qual publicamos alguns excertos — dá-nos o sombrio panorama das actividades da P.I.D.E. local — a SAVAK — e das suas ligações com a C.I.A.

Criada em 1957, a SAVAK (Organização para a Segurança do Estado e Informação) é uma organização terrorista de espionagem dotada de poderes ilimitados dentro do Estado. Está equipada com meios mais modernos para as suas actividades e mantém-se em contacto constante com a C.I.A. e a polícia secreta israelita MOSSAD. As suas investidas não ao exterior incidem em especial no golfo Pérsico, Egipto e Líbano. Desde a sua criação que esta polícia tem calado o direito dos direitos humanos consignados na lei Internacional e na lei interna: o direito à liberdade de expressão, a proibição do uso da tortura, o direito a uma nacionalidade, o direito a um julgamento justo, a proibição de se pensar no Irão, o direito ao acesso a uma verdadeira informação, o direito à liberdade de associação, o direito à greve — todos têm sido flagrantemente violados. Os poderes legislativo e judiciário do país estão sob o seu total controlo. Não apenas o cidadão comum mas também os próprios ministros e deputados são sujeitos a constante vigilância.

Em 1951 o Irão esteve a um passo de uma verdadeira revolução nacionalista: pela primeira vez um país produtor de petróleo tentava naquela região chamar a si o controlo da sua principal riqueza. Os E.U.A. consideraram, portanto, liquidar em 1953 a tentativa de Mossadegh e restaurar a odiada soberania do Xá. Depois disso, o regime tinha que recorrer ao terror policial. Foi isso que se fez com total colaboração da C.I.A. Os anteriores serviços secretos foram remodelados e criou-se a SAVAK. A principal era uma organização relativamente pequena. Mas, com o andar dos tempos — e sob a constante orientação dos E.U.A. — recebeu equipamento altamente sofisticado, igual ao que é usado nas operações da C.I.A. Além do auxílio americano, a SAVAK contou também com a dos israelitas, e com a que o MOSSAD israelita e a SAVAK iraniana são os dois principais ramos da espionagem orientista — imperialista no Médio Oriente. Os serviços secretos israelitas estão intimamente ligados aos iranianos em operações nos países árabes, nomeadamente na República do Iraque e na República Popular Democrática do Vi-

etname. Segundo fontes dignas de crédito, os israelitas estão directamente envolvidos nas operações da SAVAK no Curdistão iraquiano. Como instrumento imperialista, a SAVAK cultiva estreitas relações com outros serviços similares noutros países imperialistas: ingleses e alemães ocidentais são seus clientes.

### FORÇA E ORÇAMENTO

Desconhecemos o seu orçamento e o número de funcionários. Geralmente os jornais estão expressamente proibidos de fazer referências a este assunto. Recentemente publicadas no jornal oficial "Ettelaat", o número de colaboradores da SAVAK é de cerca de 3 mil. Sugere-se, no entanto, que se trata dum número

O Xá do Irão — um homem que as revistas de alienação transformaram no símbolo dos amores infelizes, em tema de crônicas românticas. A sua face verdadeira deve procurar-se nas sinistras realidades que são o dia a dia da vida dos seus conhecidos

mero muito abaixo do real: fontes iranianas falam em dezenas de milhares e revista norte-americana "Newsweek" no seu número de 14/Outubro/74 escreve: "Entre 30 a 50 mil pessoas trabalham em tempo inteiro para a SAVAK, mas, segundo fontes diplomáticas do Irão, haverá, pelo menos, 3 milhões de iranianos que prestam colaboração como informadores: em um cada oito cidadãos desempenha essa tarefa, nos hotéis, táxis, escolas, embaixadas, companhias estrangeiras, fábricas, consultórios médicos, escritórios e até em dormitórios e restaurantes onde os estudantes iranianos dormem e comem no estrangeiro."

O orçamento oficial de 1973-74 foi de 310 milhões de dólares (cerca de 7750.000 contos). Embora possa afirmar-se com segurança que em dormitórios e restaurantes que não existem fica um muito aquém dos gastos reais, não de-

ve deixar de se acentuar que mesmo assim revela muito da importância que o Xá atribui à sua polícia secreta.

Grande número de colaboradores da SAVAK são oficiais do exército e civis com cadastro criminal. Além das suas ligações com a C.I.A., têm carta branca para violar todas as leis existentes. Os funcionários das várias instituições estão sob a sua alçada, o que causa uma situação anormal no funcionamento dos diversos serviços públicos e privados.

A SAVAK está presente na maioria das embaixadas iranianas na Europa e na América, com o fim de controlar as actividades dos cidadãos iranianos nesses países. Os serviços secretos locais apoiam estas actividades, embora em certos casos os pressionem no sentido de se absterem de métodos desumanos inabituais nesses países.

Uma das tarefas mais importantes que a SAVAK tem a seu cargo no estrangeiro é garantir a segurança do Xá nas suas frequentes deslocações ao exterior.

### QUEM DIRIGE A SAVAK

O primeiro director da SAVAK foi o feroz general Teimour Bakhtiar. Alguns iranianos têm comparado ao nazi Eichmann. Teve um importante papel no golpe pro-americano de 1953, após o qual foi nomeado governador militar de Teerã, cargo em que se notabilizou pela crueldade com que tratou os partidos e organizações progressistas, de tal modo que foi esse um dos períodos mais sangrentos da história da capital. Milhares de iranianos de todas as classes sociais e filiações partidárias foram mortos nas cadeias e campos de concentração. Muitos foram executados e outros

desapareceram sem deixar rasto. Posteriormente Bakhtiar entrou em rebelião contra o Xá, morrendo do assassinado no exílio. Depois foi a vez do general Pakrawan (agora embaixador em Paris), que introduziu métodos de tortura psicológica, em substituição parcial da tortura física. Mas a sua táctica mereceu severos reparos dos que, comandados pelo general Nasiri, entendiam que a melhor maneira de lutar contra os elementos "subversivos" era liquidá-los. Foi esta corrente que venceu, e hoje Nasiri é o chefe dos serviços secretos. Sádico, corrompido com um poder só ultrapasado pela do Xá, Nasiri é a figura mais odiada do regime iraniano.

### INTRIGAS NO GOLFO PÉRSICO

A política externa do Irão no tocante aos seus vizinhos — o Ira-

que e os pequenos países do golfo Pérsico — baseia-se na concupisção, segundo a qual esta zona está directamente ligada à segurança iraniana e deve portanto subordinar-se a considerações dessa ordem. Daí que a SAVAK tenha estabelecido redes de espionagem nesses países e desenvolva actividades a fim de influenciar os acontecimentos. São por exemplo, obra da SAVAK: a agitação iraniana no Oman, a revolta curda e a considerável influência iraquiana. Pode dizer-se que nada acontece naquela área sem intervenção da "C.I.A." iraniana.

### A TORTURA FÍSICA

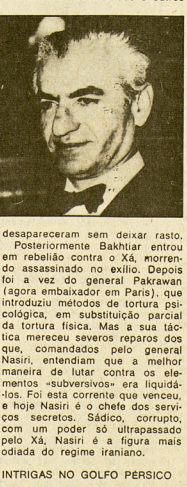
A tortura física é o principal instalo câmaras de tortura em que corre para cumprir o seu ignominioso papel. Os funcionários iranianos e o próprio Xá têm admitido publicamente a prática da tortura no país. A SAVAK e os seus agentes sádicos estão encarregados de torturar os presos políticos. Com este objectivo a SAVAK instalou câmara de tortura em todas as cidades importantes. Para os "hóspedes" importantes há outras câmaras de tortura — especial com equipamento requintado.

Em geral todos os presos políticos estão submetidos a torturas físicas. O tipo e intensidade dependem da resistência do preso e do grau de importância atribuído a sua confissão. A tortura começa habitualmente na "sala de futebol". Uma dúzia de agentes está dentro da sala, impelindo e repellido o preso como se este fosse uma bola de futebol. Este tratamento tem o objectivo de obter a consciência. Depois desta "entrada", seguem-se práticas diabólicas. Segundo a "Newsweek", as torturas vão desde arrancar unhas, introduzir garrafas no recto, aplicar choques eléctricos até violar mulheres diante dos maridos. Queimaduras, suspensões do corpo, violações só prática corrente nas prisões iranianas. Segundo informações fiáveis, até há agentes encarregados de violar os presos do sexo masculino. Sabem também que são utilizados anátes para torturar presos. Uros especialmente treinados são utilizados para violar as mulheres presas. Serpentes e cães são usados para aterrorizar os presos e levá-los a desejada confissão.

Não surpreende que, nos últimos dois anos, tenha havido, no Irão, cerca de 40 presos mortos as mãos dos torturadores. Não se sabe exactamente quantos presos há no Irão. Calculam-se entre um milhão de camilões e um milhão e meio, muitos empalhados por todo o país.

A luta contra o despótico regime do Xá é a tarefa máxica das forças de libertação. Com o fim de todos os partidos democráticos se num nesta batalha tendendo a libertar o Irão dum bando de corruptos, sanguinários e covardes do povo e o espólio das suas riquezas.

Como se vê, a verdadeira face da corte do Xá está muito longe da imagem cor-de-rosa que a subimpressora entretém os seus leitores contandolhes histórias de embalar sobre o traste rei e a bela Soraya.



# VALÉNTIA TERECHKOVA ESPORTISTA DESPORTIVA E OS ACIDENTES NO TRABALHO

Continuação da página 12

**Sovieta** Supremo 31 por cento dos deputados são mulheres.

Soubemos ainda que é sensível o acréscimo do número de mulheres que exercem profissões intelectuais ou que trabalham nos ramos da indústria que exigem altas qualificações. Entre o total de engenheiros contam-se 31 por cento de mulheres, e entre os médicos e professoras, 75 por cento. No domínio científico, a participação feminina atinge 47 por cento.

— E em relação aos sindicatos qual é a participação das mulheres?

— Actualmente nos nossos sindicatos pode dizer-se que a percentagem de homens e mulheres é idêntica. Na direcção sindical mais de 35 por cento são mulheres. Os sindicatos desempenham um papel muito importante e efectivo na defesa dos trabalhadores. Por outro lado, é agradável dizer-se que existe uma grande cooperação entre os sindicatos e o nosso Comité. Quanto à política pacífica do nosso partido, o povo apoia-lhe inteiramente, porque sabe muito bem o que significa a guerra.

## A ACTIVIDADE ESPECIAL DA MULHER E A UNIÃO SOVIÉTICA NO MOMENTO ACTUAL

A participação das mulheres na actividade especial é muito intensa, disse ainda Valentina, e está dividida por variadíssimas tarefas. Aíla, estou convencida de que, no futuro, as mulheres vão trabalhar em condições idênticas às dos homens. Se me é permitido um pouco de humor, lembrarei que a viagem para Marte demorará três anos e se forem só homens não será possível entendimento a bordo da nave...

Valentina Terechkova referiu, igualmente, o esforço de colaboração entre diversos países, designadamente entre a União Soviética e os Estados Unidos, o que permitirá a realização de um voto conjunto.

— Neste momento qual é a principal tarefa do povo soviético?

— O ano de 1975 é de importância muito especial para o nosso país, pois é o último do nono quinquénio. Outro grande acontecimento na vida do povo soviético é e no qual todos participam, é a realização do 25.º Congresso do nosso partido.

— Supomos também que haverá eleições dentro de pouco tempo.

— Teremos eleições para deputados 15 de maio, para as quais contamos com um grande número de candidatos que são mulheres.

Para terminar, Valentina Terechkova referiu-se ao entusiasmo revolucionário que sentiu nos contactos que teve com o povo português em vários sectores da actividade nacional e salientou o seu reconhecimento pela forma como foi recebida pelo Presidente da República, pelo Primeiro-Ministro e pelo ministro sem pasta Alvaro Cunhal.

— E fazo votos para que a cooperação entre os nossos dois países seja cada vez maior e em campos mais vastos.

Portugal é um dos países onde se regista maior número de acidentes de trabalho. Talvez mesmo aquele onde esse número é mais elevado, em percentagem. Há números e bem conhecidos eles são. E arrepiantes. Qualquer coisa como 800 000 acidentes por ano, de maior ou menor gravidade, para três milhões de trabalhadores.

Porquê uma percentagem assim tão alta e tão trágica, no caso específico português? Há muitas razões, evidentemente. A falta de atenção do patronato que se habituou a tratar o trabalhador como coisa e a quem o acidente não faria assim grande massa. Também a falta de providência e de educação profissional do trabalhador, que muitas vezes ocorre riosis

sempre acabam por ser admitidos, mas como excepções, como fenómenos para alinhar no desporto-espectáculo e como chamariz para atrair, não mais praticantes aos campos e às pistas, mas sim mais espectadores às bancadas.

E, agora, sim, já se entende, por certo, a relação que podemos estabelecer entre essa proibição de praticar desportos a que se sujeitou praticamente a totalidade das classes trabalhadoras e o alto índice de acidentes de trabalho.

Aquele que praticou desporto apurou reflexos, ganhou agilidade, sabe saltar, sabe correr, sabe fugir, se é caso disso de um perigo que o ameace e que pode assim ficar reduzido a menores propor-

para eles apenas o meio de transporte de que se serviam para se guir para os seus empregos. Uns sentiam-se mais leves e rápidos, passavam à frente dos outros e de aí ter surgido o seu desejo de competir, de se inscreverem por um clube, até para melhorarem o seu nível de vida, por que o clube ajuda, dá umas regalias, as provas dão prémios. E há aquela minoria que tem mesmo aptidões especiais para o chamado desporto do pedal e faz carreira e faz até umas massas. Mas são muito poucos.

Para muitos outros, não tardará a desilusão da queda que os deixa maltratados e que nem sempre é de azar, às vezes é de azeliche, e que poderia ter sido



inúteis, por falta de uma orientação adequada, por falta de informação e de formação profissional.

Tudo isto se sabe, tudo isso é evidente e, neste momento, só pode parecer estranho que o assunto esteja aqui a ser tratado nesta rubrica desportiva. Mas há uma explicação, evidentemente. É que, em boa escala, o desporto pode responder a essa pergunta sobre o alto coeficiente dos acidentes de trabalho que se verifica em no nosso País. Não propriamente o desporto, mas... a falta de desporto, a falta de prática desportiva, interdita por completa, durante anos e anos, às classes trabalhadoras.

Tanto o ensino como o desporto têm sido entre nós privilégio quase exclusivo das classes já de aí tão favorecidas em tudo e por tudo. Nunca o desporto e o ensino estiveram ao alcance dos mais dotados ou até dos mais necessitados, e, precisamente, estes constituíram um leão mais dos que tinham já recursos para frequentar as portas das escolas e dos estádios, salvo o caso dos fora de série, dos que nasceram já campeões desta ou daquela modalidade e que, desse modo,

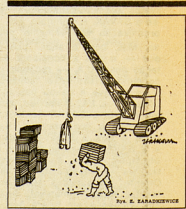
coés. Ou a nenhuma. Se pode aprender a nadar, pode saltar-se de qualquer desastre desse tipo. Se jogou futebol, sa aprendeu basquetebol, pode evitar uma carga, pode driblar um inimigo inesperado, seja coisa, seja gente que surja num relance.

A prática desportiva dá ao trabalhador a destreza, o golpe de vista, o poder de finta que lhe podem permitir salvar-se de quedas no todo ou em parte, saindo ileso ou com ferimentos de bem menor gravidade. Mas o que se dá é o caso oposto (bem frequentes, desgracadamente) de se tratar de um corpo pesado, preso de movimentos, sem reflexos, sem presteza, sem o raciocínio pronto que também se consegue com o desporto bem aprendido e que não desmoevia só os músculos.

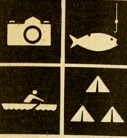
Acidentes desse tipo, embora possa parecer paradoxal afirmá-lo, acontecem até, entre outros, em próprios desportistas que não tiveram uma preparação apropriada. É o caso dos nossos ciclistas, por exemplo. Muitos deles nunca fizeram qualquer ginástica, antes de se sentarem na bicicleta. Em maioria, a bicicleta começou por ser

evitada ou grandemente minorada nos seus efeitos, se o ciclista tivesse outra preparação atléctica, uma certa ginástica, aquela acesso indispensável àquele desporto desde a escola que poderia, então sim, ter feito dele o verdadeiro atleta e não o enrascado que procura no ciclismo um biscoite mais para safar o dele...

Carlos Pinho



do jornal polaco «Trybuna Ludu» (de Varsóvia)



## CULTURA E TEMPOS LIVRES

### Vamos ler

**SOBRE O COMUNISMO, de Sérgio Ribeiro — Col. «Mundo imediato» — Moraes Editores.**

Melhor que ninguém, é o próprio Sérgio Ribeiro que nos esclarece sobre as razões e intenções do presente volume: «Não há dúvida que, no actual momento, a evolução da política portuguesa, um esforço de reflexão séria sobre «grandes» temas, sobre grandes «conceitos» ou «palavras», é tão útil como difícil de provocar no ambiente de transformações radicais, de verdadeiro processo revolucionário.» (...) «... um trabalho que não tem outra intenção que não seja a de intervir útilmente no nosso processo político. Um livro de intervenção, como todos são, como todos devem ser, na tomada de posição consciente de quem os escreve e edita.»

**A REVOLUÇÃO DAS REVOLUÇÕES, de Jean Ellstein — Moraes Editores.**

Neste volume, o autor fala-nos da revolução soviética, começando por analisar a situação social e política da Rússia anterior à revolução, esclarecendo, portanto, que «a vitória da Revolução soviética deve ser vista à luz das condições históricas da época e do país.»

**REPÚBLICA DEMOCRÁTICA ALEMÃ — A CONSTRUÇÃO DO SOCIALISMO — Editorial Estampa.**

«A obra que vos apresentamos aqui estabelece um duplo balanço: o primeiro diz respeito à questão de saber como a R.D.A. encarou as suas objectivas geralmente válidas que se impõem a todos os Estados que querem libertar-se definitivamente das cadeias da exploração e da opressão para se encaixarem pela via socialista. Do

número de esses princípios objectivos fazem parte o papel dirigente da classe operária, conduzida pelo seu Partido marxista-leninista, a política de aliança, a socialização dos principais meios de produção. Num segundo tempo, propo-nos mostrar ao leitor como estas leis universais foram aplicadas na R.D.A. dentro de condições específicas deste país. Apresentamos a via que seguimos para que os nossos amigos em todos os continentes compreendam o que fizemos e daí tirem matérias para reflexão.»

**A JUVENTUDE DA R.D.A. SEU PAPEL NA SOCIEDADE SOCIALISTA AVANÇADA — Col. «Mas... Afinal!» — Prelo Editora.**

«Durante 25 anos, o fascismo procurou esconder do povo português a existência de um novo estado alemão, onde, de acordo com o decidido em Potsdam, se tinha eliminado para sempre as raízes do naz-fascismo, do militarismo, do chauvinismo e do racismo.»

«A campanha do «muro», falhando a realidade viveu um povo conquistado para o progresso, o socialismo e a paz, foi acompanhada pela campanha do silêncio sobre um novo estado integrado no mundo socialista que atingia um nível elevado em todos os sectores sociais.»

**O QUE É O MODO DE PRODUÇÃO — Col. «Mas... Afinal!» — Prelo Editora.**

«Toda a produção é uma apropriação da natureza pelo indivíduo no seio de uma forma social determinada e mediante a mesma. E o processo social de produção é simultaneamente um processo social de reprodução.»

«A sociedade necessita produzir continuamente. E, assim como o processo de produção renova constantemente os seus elementos, o mesmo se passa com a reprodução. Assim, produzem-se não só bens para o consumo da sociedade mas também relações sociais no âmbito das quais se desenvolve a produção. Portanto, as condições da produção são também as da reprodução.»

**SOBRE O PODER LOCAL, de Fidel Castro — Iniciativas Editoriais — Cadeias Pontes de Vista.**

«Porquê este ensaio, tão profundamente inovador, ao cabo de quinze anos de poder? Se invernos em Cuba que os primeiros anos foram dedicados a revolucionar as estruturas, o que exigia rapidez e economia de meios, que depois sobreveio o bloqueio e as ameaças sistemáticas de agressão, talvez o momento escolhido não nos pareça tão arbitrário. De facto, em fins de 1974, quando se considerava em grande medida economicamente recuperada, politicamente estável e socialmente mais tranquila quanto às ameaças exteriores.»

## Cinema



Possibilidades de escolha: o Sarpico, de Sidney Lumet, no «Eden» e no «Berna», que embora não seja dos melhores filmes, está realzador e é uma obra cheia de interesse e de coragem na crítica que faz à vida americana. Arrigo 22, de Mike Nichols, um filme a não perder e que está prestes a sair do «Apolo 70», Woodstock, de Michael Wachtel, uma espécie de reportagem sobre um festival de música contestatária e Alta tensão em Nova Iorque, no «S. Jorge», um filme de «sus-pense», que embora não seja excepcional tem o mérito de utilizar o humor como forma de denúncia das várias instituições americanas.

## Teatro

Também neste capítulo o panorama não evoluiu e continua a ser **Seara de Vento**, de Manuel da Fonseca, o único espectáculo que aconselhamos.

## TV



A nossa TV parece interessada em prosseguir uma via mais ou menos rotineira, ou pelo menos em não tentar a criação de novas rubricas que se fazem sentir e a continuação de outras que foram suspensas sem qualquer esclarecimento, a que o telespectador se julga certamente com direito.

Claro que há programas de qualidade a destacar, mas em número muito inferior, se tivermos em conta as horas de exibição.

**4-Vezes, 11 — Encontro**, às 13.15 no 1.º Canal e às 20.45 no 2.º. **Ainda no 1.º Canal**, **Das Artes e Ofícios**, às 20, e às 22.15, um programa de Francisco Nicholson, António Montez e Henrique Viana, sobre o qual não arriscamos qualquer opinião. No 2.º Canal, **Programa de M.F.A.**, às 21.05 e às 21.50. **Os Grandes Detectives**, uma nova série policial com filmes extralidos de obras de diversos autores sociais, listas no género.

**6-Vezes, 12 — No 1.º Canal**, **Programa de M.F.A.**, às 21.05 e mais um episódio da série **Os Compeones** às 22.05. **Tem ainda no 2.º Canal** o programa **Impacto**, de João Martins, às 21.45 horas.

**8-Vezes, 13 — 1.º Canal**: **Perspectiva**, um programa sobre artes plásticas, às 19.30.

**Afinal** como 47, da responsabilidade do Dr. Pitáguas Antunes às 21, e **Os Inqueritos do Comissário Melgret** às 21.30.

**Sábado, 14 — No 1.º Canal**: **Os Malucos do Circo** às 13.45 (repete a cada 15 minutos às 20 horas), uma série inglesa. **Nome de Mulher** às 15.30 e a noite de cinema. **Tema 4 a Noite** às 22 horas, um filme de Henry King, com Jennifer Jones, Jason Rogers e Joan Fontaine, com intérpretes. **No 2.º Canal**, o **Programa do M.F.A.**, às 22 horas.

**Domingo, 15 — Um domingo sem história**, à excepção talvez do **Teledomingo**, que muito em breve deixará de contar com a presença de Joaquim Leitria.

## Rádio

**Alavanca — Diariamente** das 0.05 às 2 horas no Rádio Clube Português, onda média, um programa inteiramente dedicado aos problemas dos trabalhadores. Nas noites de sexta para sábado, exclusivamente dois temas: problemas económicos e reforma agrária. **Intervenientes**: Vasco Cal e Bernardo Fernandes.

**Movimento — Todos os dias** em Rádio Clube Português, onda média, das 18 às 20 horas, excepto ao domingo. Às 3.ª, 5.ª e sábados, imediatamente após o noticiário das 19, a rubrica sobre Cuba com Luis Filipe Costa no microfone, um programa a não perder.

**Sindicalismo — Programa** de Helena Neves e Madalena Claudino, na Emissora Nacional, às 2.ª e 6.ª-feiras às 22 horas e aos sábados às 16.05 horas.

**Colectão «Actualidade Portuguesa»**

Carlos Benigno da Cruz

**S. TOME E PRINCEPE DO COLONIALISMO A INDEPENDENCIA**

Mín. Melo Antunes Francisco S. Cabral César de Oliveira Carlos de Carvalho J. Martins Pereira J. Cravinho Eugénio Rosa

**DEBATE SOBRE O PROGRAMA DE POLÍTICA ECONÓMICA E SOCIAL**

**MORAES** editores

O poder democrático-popular na Bulgária concede amplos direitos aos sindicatos. Exercendo esses direitos, os sindicatos participam activamente na gestão da produção, na elaboração dos actos normativos e na resolução dos problemas básicos que se referem às condições de trabalho, ao modo de vida, ao descanso, protecção da saúde e seguros sociais. Controlam a observância da legislação do trabalho, a melhoria dos serviços sociais e culturais, administrando ainda os seguros sociais a curto prazo. O papel dos sindicatos na actividade legislativa do Estado é cada vez mais importante.

Os direitos dos sindicatos, no referente ao estabelecimento da legislação laboral e social foram devidamente ampliados por meio da nova Constituição, que concedeu iniciativa legislativa ao Conselho Central dos Sindicatos Búlgaros.

O Conselho Central dos Sindicatos Búlgaros apresentou à consideração da VII sessão da Assembleia Nacional (Junho de 1973), a lei para outorga do controlo da protecção do trabalho aos sindicatos, lei que foi imediatamente aprovada.

O Conselho Central dos Sindicatos Búlgaros participou activamente na elaboração da lei para a modificação e complementação do Código do Trabalho, estabelecendo importantes conquistas para as mães trabalhadoras.

O Conselho Central dos Sindicatos Búlgaros e os conselhos de direito laboral e seguros sociais anexos, participam, de uma

maneira activa, na elaboração do projecto do novo Código do Trabalho e do projecto da nova lei de seguro social.

A promulgação de decretos em conjunto com os órgãos do Estado, constitui, uma destacada forma de participação dos sindicatos na actividade jurídica do Estado. Com o fim de elevar o nível de vida do povo, foram promulgados, ao mesmo tempo, importantes decretos pelo Conselho de Ministros e pelo Conselho Central da Sindicatos para o aumento dos salários de algumas categorias de trabalhadores, a diminuição do dia de trabalho e o estabelecimento da semana de cinco dias durante o VI quinzenal, a fim geral, para melhoria da protecção laboral.

A aplicação dos direitos dos sindicatos na resolução de problemas de carácter estatal manifesta-se também nos casos em que, para a promulgação de uma disposição ou para a realização de algumas acções, se necessita duma coordenação com os sindicatos. Por exemplo, em conformidade com o artigo 3.º do Código do Trabalho, os diferentes ministérios só em coordenação com os sindicatos podem apresentar projectos de actos normativos sobre problemas relacionados com o trabalho e os seguros sociais.

Todas as questões relacionadas com o estabelecimento de normas laborais e a remuneração do trabalho, com a melhoria do modo de vida de operários e empregados, que os ministérios apresentam ao Conselho de Ministros devem estar obrigatoriamente coordenadas com o Comité Central do respectivo sindicato.

#### APLICAÇÃO DAS LEIS

Os sindicatos gozam de amplos direitos, não só no processo da elaboração das normas de legislação laboral mas também na sua devida aplicação.

Os direitos dos sindicatos ampliam-se também, concedendo-se-lhes algumas funções que dantes corriam a cargo dos órgãos estatais.

Em 1951 as funções de controlo da protecção do trabalho e da gestão de seguros sociais a curto prazo para os operários e empregados foram concedidas aos sindicatos. Ampliam-se cons-

tantemente os direitos dos sindicatos no tocante à realização de tão importantes funções.

Em Junho de 1973, a Assembleia Nacional aprovou uma lei nos termos da qual se concede aos sindicatos búlgaros o controlo da protecção do Trabalho.

Os órgãos sindicais de coesão têm direito a dar prescrições, obrigatórias para as empresas, instituições e organizações e também para os operários e empregados, para a liquidação das infracções e outros erros no domínio da protecção do trabalho e dos seguros sociais. Os inspectores do trabalho e demais pessoas encarregadas de controlar a protecção do trabalho podem ditar prescrições obrigatórias aos directores de empresas e às organizações, cuja missão é fazer desaparecer ou prevenir as infracções. No caso de estas prescrições não serem cumpridas, são impostas multas.

Os órgãos sindicais de controlo gozam de amplas faculdades, tanto na fase de preparação como na da realização das medidas de protecção do trabalho. Podem

demorar a confirmação de projectos e começo da exploração de edificios, máquinas e dispositivos, produções e fábricas, se as exigências de protecção do trabalho consignadas nas respectivas normas não são observadas, deter a actividade de empresas e produções em fábricas, a construção ou reconstrução destas, quando as infracções da protecção de trabalho podem ameaçar a saúde e a vida das pessoas.

O direito dos órgãos sindicais de controlo de impedir que se cometam infracções ilegais de órgãos económicos ou administrativos sempre que elas se refiram à protecção do trabalho e da vida das colectividades trabalhadoras tem grande importância para a supressão das infracções ainda em estado embrionário, para a defesa imediata e eficaz dos direitos e interesses legais dos trabalhadores.

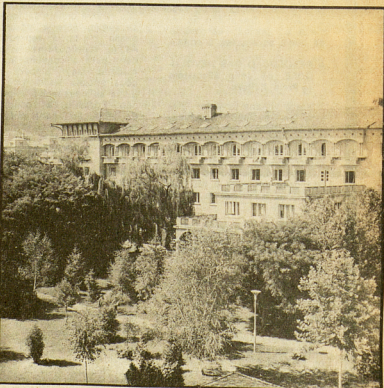
O controlo prévio, realizado pelos órgãos sindicais sobre alguns actos resolutivos da administração que se referem aos direitos laborais de operários e empregados, é uma importante medida de prevenção que assegura a observância da legalidade socialista no domínio das relações de trabalho.

Este controlo manifesta-se no facto de o órgão sindical autorizar previamente a aplicação por parte da Administração de algumas normas de direito laboral.

São muito importantes as prerrogativas dos órgãos estatais para assegurar a justa aplicação da legislação no dia de trabalho e no tempo da descanso. Os direitos dos sindicatos de conceder licenças estão relacionados também com a assinatura, modificação ou supressão do contrato de trabalho nalgumas categorias de operários e empregados que necessitam de maior defesa: as grávidas e as mães enquanto os filhos não chegarem aos 8 meses de idade. No caso de suspensão do contrato de trabalho por causa de doença do operário ou empregado, precisa-se de licença do sindicato.



Conjunto de dança folclórica de Veliko Tirnovo



Casa de repouso dos camponeses das cooperativas na estação termal de Kustendil